DIRECTOR E PROPRIETÂRIO: JOSÉ BARÃO ♦ EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA ♦ DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839 ♦ AVENÇA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 ♦ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

COMENTARIOS A VIDA E PESCA DO ATUM DAS ADEGAS COOPERATIVAS FEITOS À LUZ DA NOSSA TEORIA

SOBRE MOVIMENTAÇÃO MIGRATÓRIA

pelo capitão-de-mar-e-guerra JOSÉ SALVADOR MENDES

próprio interesse, ser lançadas mais ao mar, porque mals fora «corre» o atum malor número de cardumes: e. desta forma, se aumentaria apreciàvelmente a capacidade de captura destas importantes, antiquissimas, rotineiras, mas simpáticas artes de pesca.»

«Providenciemos pois, quanto antes, sobre este estado de coisas, a bem da economia da Provincia, pondo-se de parte a nefasta e bem arreigada rotina que, a nosso ver, tem possivelmente trazido altos prejuízos para as Companhias de Pescarlas interessadas na exploração da pesca do atum na costa do Algarve.»

SEMPRE nos interessámos imenso pelas pescas marítimas e, mormente, pela pesca do atum, este esbelto e corpulento filho do mar, à qual temos dedicado desde há longos anos grande e verdadeiro entusiasmo, por a reputarmos a «Grande e Eterna Pesca do Futuro» e por supormos ter visto com clareza o problema da migração desta bela e magestosa espécie marinha em todos os mares e oceanos do Mundo. Lemos portanto, com bastante interesse, a local inserta no Jornal do Algarve sob o sugestivo título:

«O Mandador da Armação do «*Barril*» atribui à inobservância da zona de resguardo das armações a

Sobre a matéria versada nessa local oferece-se-nos facultar, como é pedida de facto, com bastante interesse, a nossa modesta e despretenciosa colaboração, com vista à consecução de maior produtividade das armações fixas para a pesca do atum da costa algarvia e a um muito maior desenvolvimento da exploração da importante pesca do atum ϕ

E, nesta ordem de ideias, passemos a tratar dos assuntos a seguir mencionados, que ao caso bastante

devem interessar. Actualmente lança-se na costa de Faro apenas uma armação fixa para a pesca do atum «de direito», que tem o nome de Cabo de Santa

Lança-se este aparelho, não se percebe bem porquê, apenas na temporada de pesca «de direito», e

«quartel» — e muito bem — e ape-nas com a boca de ponente, ao contrário do que acontece com as suas similares da costa de Tavira, que se lançam desprovidas daquele precioso elemento e com duas bocas - a de ponente e a de levante, embora uma delas (a do ponente) pràticamente para nada pareça servir.

O «quartel» e a «rabeira», dois enormissimos braços, formam como que um bem desenvolvido ângulo não na época de pesca «de revés», que um bem desenvolvido ângulo obtuso, cujo vértice se situa aproximadamente no «corpo» da armação. to, aliás com a previsão da conse- Este ângulo deverá ter a sua grande cução neles de apreciáveis resulta-dos piscatórios que se não afiguram vem o atum. E a área por ele delimitada deverá considerar-se o

Lança-se esta armação com acampo de actividade» da armação quartel» — e muito bem — e aperas com a boca de ponente, ao armação deverá considerar-se prática e teòricamente bem orientada no seu lançamento, isto é, em condições de efectuar colheitas rendosas, quando a bissectriz do citado ângulo dispuser da mesma direcção que a que tiver o atum na sua marcha ou trajectória média, mas de sentido contrário ao desta.

Conclui na 5.ª página

CRISE da indústria corticeira

O NOSSO prezado colega «Voz do Sul», de Silves, apreciando a nossa campanha acerca da crise da indústria corticeira, comenta-a nos seguintes termos:

«O nosso prezado colega «Jornal do Algarve», tem publicado im-portantes e justos artigos sobre a crise corticeira no Algarve, bem

Conclui na 5,8 página

BIQUEIRAO

AO SR. MINISTRO DA EDUCAÇÃO durante a festa dos antigos

professores e alunos do Liceu de Faro

a solicitar que o nosso principal estabelecimento de ensino volte a ter João de Deus

como patrono

DECORREU muito animada a festa de confraternização dos antiprofessores e alunos do Liceu de Faro que se realizou no passa-do domingo em Lisboa. A manifestação começou com uma missa nos Jerónimos, por alma dos professores e condiscipulos falecidos, celebrada pelo rev. João Mendes Cabeçadas, antigo aluno que, no fi-nal, fez uma prática lembrando o ambiente liceal do seu tempo. Em seguida foram todos em romagem ao túmulo de João de Deus. Depostas flores na jazida do poeta, guardou-se um minuto de silêncio, findo o que o sr. Maurício Monteiro pronunciou algumas palavras de exaltação da memória do poeta de «Campo de Flores» e do bene-

mérito pedagogo. Ao almoço, na sede da F. N. A. T. a que assistiram, como a todos os actos, muitas senhoras, presidiu o sr. general Santos Correia, o mais antigo aluno do liceu, sentando-se também na mesa da presidência os srs. coronel Sousa Rosal, deputado pelo Algarve; major Mateus Moreno, presidente da direcção da Casa do Algarve e dr. Maurício Serafim Monteiro.

Brindaram os srs. major Mateus Conclui na 5.ª página

nho, industriais de Olhão, recebemos uma amável e extensa carta acerca do alarme que lançámos sobre o possível condicionamento de exportação do biqueirão, condicionamento que forçosamente implica-ria redução nas pescas e todas as consequências inerentes a uma limitação de actividade, e que traria, porque não pode praticar outra moda-lidade, a mediata supressão da se-cular indústria de conservas de peixe pelo sal (estivas), cujos interesses, aliás tão respeitáveis como os da indústria de molhos, vêm

sendo incompreensivelmente aban-

donados por quem de direito e so-

DOS srs. Francisco Ribeiro Modesto e Camilo Viegas Agosti-

frendo atropelos e ilegais concorrências.

Lemos atentamente a epístola e nela não encontramos absolutamente nada que contrarie o que já dissemos. Circunstanciam-se pormenores que não interessam para o

Conclui na 6.ª página

PORTOS

Nos primeiros nove meses deste ano os rendimentos das Juntas Autónomas dos Portos de Sotavento e Barlavento do Algarve foram, respectivamente, de 3.142.464\$80 e 1.625.059\$90.



Os antigos professores e alunos reunidos nos Jerónimos

JORNAL ALGARVIO

E

TEIXEIRA GOMES

COM «Cartas a Columbano», que já enriquece as montras das nossas livrarias, começa a reedição das obras completas de Manuel Teixeira Gomes. Impunha-se que tal se fizesse porque não devia continuar ausente da vida intelectual do País a obra de um dos nossos grandes mestres da prosa, de um delicado estilista, de um esteta singular. Dizemos ausente porque na realidade uma parte dos livros de Teixeira Gomes há muito que se esgotara e pediam-se preços in-comportáveis para as modestas bolsas por aqueles poucos que alguns livreiros ciosamente guardavam. Merece pois caloroso aplau-so a Portugália Editora pela sua iniciativa que quase podemos clas-sificar de benemérita, porque benemerência não é sòmente dar agasalho e esmola, sendo justo neste louvor prestar homenagem ao nosso estimado comprovinciano sr. J. Agostinho Fernandes, amigo de

Conclui na 5.ª página

Visado pela delegação de Censura

EXPANSÃO

cesso de café, principalmente antes das refeições.

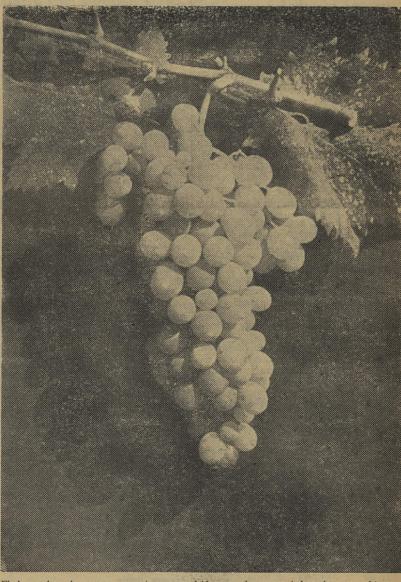
ALGARVE NA VALORIZAÇÃO DOS NOSSOS MAGNÍFICOS VINHOS

OS AMERICANOS QUERIAM ADQUIRIR TRÊS MILHÕES DE LITROS DE VINHO DE LAGOA

ESPALHADAS por todo o País | quatro: uma em Lagos, optima estão a funcionar, ou em vias iniciar a laboração, mais de trinta Adegas Cooperativas no Con-tinente e uma na ilha do Pico. Uma grande parte foi construída exclusivamente pela Junta Nacional do Vinho com o fundo Corporativo da Vinicultura, outras subsidiadas por este organismo - na área da sua influência — e pela Junta de Colo-nização Interna, sob as directrizes do Ministério da Economia.

construção de cimento armado, com a capacidade de 2.000 pipas, outra em Lagoa, a maior do País, que pode armazenar, actualmente, cerca de 6.500 pipas, e as de Portimão e Tavira, em instalações provisórias, que armazenam, aproximadamente,

1.000 e 500 pipas, respectivamente Trata-se, neste momento, da es-colha dos locais e aquisição dos terrenos para se iniciar a constru-ção definitiva das Adegas de Porti-No Algarve estão funcionando mão e Tavira, e estuda-se ainda a



E' de cachos de uvas como este que se obtêm os saborosos vinhos do nosso Algarve

possibilidade de ampliação das de Lagoa e Lagos.
Somente menos de um terço dos

viticultores existentes - os que, feizmente para eles, cedo compreenderam as vantagens da cooperação — estão a usufruir os benefícios destas organizações como seus associados. Os actuais excluídos, por falta de capacidade, representam as produções mínimas e por isso mes-

Conclui na 6.ª página

saúde é a maior riqueza

CAFÉ, ÁLCOOL E FOME

O café e o álcool fazem desaparecer, durante algum tempo, a sensação de fome, mas não evitam os efeitos da insuficiência de alimento: prisão de ventre, perda de peso e diminuição de resistência às doenças.

Procure alimentar-se convenientemente, evitando o álcool e o ex-

- 7 DEL. 1954,

DE MAIOR TIRAGEM



- por CASIMIRO DE BRITO

Domingo à tarde: Rua de Santo António

Ao domingo à tarde a Rua de Santo António parece um céu aberto. Os farenses não saem para a rua, saem para a rua de Santo António. Vêm de todas as partes, de S. Luís ou do Alto Rodes, de ao pé da Estação ou das bandas do Largo de S. Francisco e, sem mais nem ontem, toda a minha gente se põe a passear, de baixo para cima e de cima para baixo, na vetusta Rua de Santo António. Por um és-não-és a dita não esgota a sua lotação de passeantes. È um andar-se um passo e parar-se dois minutos para que a levada que vem de lá passe por sua vez. Movimento humano, massas em movimento, vida bam-boleando-se sorumbática ou efusi-

vamente... São elas e são eles, refiro-me aos jovens. O intuito é o mesmo, se me é permitida uma generalização. Há o ver, o gostar de ver, e todos os derivados que os espíritos com tendências para a idealização queiram alinhar. Recordo-me, por exemplo, que, quando tinha os meus 11 ou 12 anos (e por aí fora, até não sei quando...) fazia uma ginástica formidável para ver (contactar, pseudo-deliciar-me com) esta ou aquela. Eu e todos os outros, os de então e esses que agora nos tomaram o lugar na escala. Nós.. e elas também, porque não? Mas isso é terreno de suposições! Agora a modalidade é outra: há o es-pírito de observação, há a tendência para o equilíbrio num arame espacial, crítico, que me alheie em parte - que me divida entre o «eu» totalmente «homem-vulgar» e o outro «eu», não menos humano, mas essencialmente «estudioso do humano»..

O caso é que ao domingo à tarde, esta Rua de Santo António é um autêntico estrado onde passam os homens-manequins que vivem a sua vida, se amam e enganam, que passam porque têm de passar. Alargando, chegar-se-á à conclusão certíssima de que a vida é um «passar», um «tornar a passar», um sempre passar». E a Rua de Santo António também o é: eles passam, nós passamos, não se sabe às vezes porquê mas sabe-se outras vezes que valeu ou não valeu a pena. A Rua de Santo António, que é tão sòmente uma rua de uma cidade simples, pode ser também, encarado o seu aspecto simbólico, o sinal que nos afiança, que nos reafirma, que continuamos a viver e que «os outros» também vivem. E que é natural, fundamentalmente necessário, ver que os outros ainda vivem, ainda se movimentam, ainda se bamboleiam e procuram uma «vaga» qualquer coisa que nunca se sabe qual é.

Entrando no carácter pictórico, também esta Rua principal da cidade promete bastante assunto. Olhai com pretensões classificadoras os que passam: há aquele grupinho de criadas de servir que, só tendo de sua conta a tarde de domingo, olham palùrdiamente para os que passam. Anseiam e receiam. Será hoje? É isto que os meus olhos vêem... E há aquele grupo ruidoso de estudantes: perseguem duas caloiras de três assobios, muito dentro (fora) de si, donos deste e do outro mundo. Dizem que fazem e acontecem. Depois, o grupo espalha-se, e cada um se encolhe por seu lado... E há ainda o Zèzinho, acompanhado pelos seus cinco ou seis canídeos. Dá vivas ao Fa-rense, a Portugal, a toda a gente. Leva uma «manta» dentro de si que lhe dará aquecimento por algumas horas. Foi de alegria: o Farense ganhou. Mas se o Farense tivesse perdido, a «manta» tomar-se-ia na mesma: seria de tristeza!

Ao fim e ao cabo a Rua de Santo António é um lugar onde os farenses vão passear as tardes do seu domingo; acontecimento natural que, por isso mesmo, se tem de considerar.

Um dos inconvenientes desta Via de Passeantes é o trânsito de carros, permitido numa das direcções. Provado como está que todos os domingos se repete a enchente, que o de-cá-para-lá e o de-lá-para-cá ocupam de lés-a-lés toda a Rua, porque não impedem o trânsito pela Rua de Santo António aos domingos? Parece-me uma medida razoável, utilissima, necessária... Se não erro, num domingo do ano passado, experimentou-se essa mo-dalidade. E resultou. Passeava-se mais à vontade...

Que tal se já no próximo domingo se desviasse o trânsito dos car-ros por outra rua adjacente? Apesar dos «fabianos» que também querem passear o carro... ficarem um pouco aborrecidos com a inovação? Oxalá!

NOVA CARREIRA

de camionetas

Foi concedida à Empresa Rodoviária Sotavento do Algarve, Lda, uma carreira provisória de passa-geiros entre Crujos e Vila Real de Santo António.

= PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Em missão oficial, encontra-se em Lisboa o sr. Matias Barroso Gomes Sanches, presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo Antonio.

=Partiu para Londres, acompanhado de sua esposa, o nosso amigo sr. eng. M. D. M. Falconer, representante consular britânico em Vila Real de Santo António.

= Com pouca demora, esteve nesta vila o sr. Dante Barbosa Guerreiro, nosso assinante em Lisboa.

= Esteve em Vila Real de Santo António, com sua esposa, o sr. João Gonçalves Conceição, chefe da esta-ção dos Caminhos de Ferro em

= Encontra-se em férias nesta vila, com sua esposa, o sr. Francisco C Delgado Cipriano, que foi transfe-rido da agência de Beja da Caixa Geral de Depósitos, para a sede em Lisboa.

= Foi a Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. José de Lima.

= A fim de assistirem ao casamento de sua prima, que noutro lugar noticiamos, estiveram em Vila Real de Santo António, a menina Rita Alice Caissoti Rosa, filha do sr. Hostilio Bandeira Rosa, nosso assinante em Lisboa, e os srs. Manuel e Sebastião Rodrigues Marques, nossos assinantes em Loule, o último fazendo-se acompanhar de sua espo-

= Depois de ter passado as suas fé-rias nesta vila, regressou a Lisboa o nosso assinante sr. José Valentim do Nascimento.

= De visita a seus sobrinhos, encontra-se nesta vila, em casa do sr. Jo-sé Rodrigues Marques, a sr.ª D. Amália Rodrigues Peres, residente

= Esteve em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria Hermene-gilda de Sousa, nossa assinante em Estoi.

= De visita a sua familia, encontra-se nesta vila a sr.a D. Rita Machado Caissotti, irmã do nosso assinante sr. Antonio Adrião Machado

= Deu-nos o prazer da sua visita à nossa redacção, o sr. Artur de Moura, nosso assinante em Martinlongo. = Vimos nesta vila o sr. Laurentino José da Silva Baptista, nosso assinante em Tavira.

= Esteve em Vila Real de Santo António o sr. José Rodrigues Palma Júnior, nosso assinante em S. Sebastião dos Carros. = Acompanhado de sua esposa e ne-

to, esteve em S. Bartolomeu de Messines o sr. José de Brito da Silva, nosso assinante nesta vila.

= Estiveram em Braga, onde fo-ram assistir ao funeral de seu cu-nhado, que noutro local noticiamos, os nossos assinantes srs. José e João Leal Socorro.

= Regressou de Lisboa, depois de participar no concurso para sargentos, o 1.º cabo da Guarda Fiscal, sr. João Gomes Pimenta, nosso assinante nesta vila.

= De passagem para a sua propriedade das Choças, esteve em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria das Dores Correia Domingues, residente em Lisboa.

= Depois de uma temporada em Evora, em serviço oficial, regressou a esta vila o nosso assinante sr. tenente João Miguel.

= Regressou de Matosinhos, acom-panhada de sua filha, a sr.ª D. Hé-lia Rodrigues Salas, esposa do nos-so assinante sr. José Salas.

Gente nova

Em Lisboa, na casa de saúde de Palhavã, teve o seu felis sucesso, no dia 1, dando à lus uma criança do sexo feminino, a sr.a D. Maria Eugénia Ramires Sanches Horta Correia, esposa do nosso assinante sr. dr. António Manuel Capa Horta Correia.

= Em Olhão, onde reside, deu à lus, com felicidade, uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Jocelina Pereira de Sousa Viegas, esposa do sr. José Martins Viegas, nosso assinante naquela vila.

Na igreja de Nossa Senhora d'As-sunção, em Vila Nova de Cacela, sunção, em Vita Nova de Cacela, realizou-se, no domingo, o casamento da sr.ª D. Maria Josefa Machado Correia, filha da sr.ª D. Maria Emília Machado Correia e do nosso amigo sr. António Peres Correia, gerente industrial, com o sr. João António Pereira de Campos, filho da sr.ª D. Emília Adelaide Pereira de Campos e do sr. Alfredo de Camde Campos e do sr. Alfredo de Campos Faísca, comerciante. Apadri-nharam o acto os pais dos noivos, tendo estes fixado residência em Vila Real de Santo António. Jornal do Algarve deseja-lhes muitas feli-

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito, telefone 31.

BARDAHL-

NOTICIAS E CONOM

Os vinhos italianos

Eis a lista de alguns dos mais conhecidos vinhos italianos:

Brancos - Ansonica, doce e perfumado, de 12 graus; Asprigno, refrescante e leve, conserva-se nas covas frescas de Nápoles; Capri, indicado para o peixe; Cortese, do Piemonte, seco e perfumado, lembra o Riesling; «Est, est, est», o mais famoso vinho dos castelos, seco ou doce, passou à história em 1111; Falerno, já celebrado pelos Césares (Trajano bebia um falerno que tinha dois séculos de colhido), normalmente deve envelhecer vinte ou trinta anos; Marsala, vinho de sobremesa siciliano, de fama mundial, criado por um inglês no século XVIII para fazer concorrência ao Porto; Vernaccia, vinho jovem da Sardenha, de 15 graus e Zucco, da Sardenha.

Tintos - Barbaresco, do Piemonte, cor violeta, com as qualidades do Borgonha e do Bordéus; Barolo, Piemonte, tinto carregado com perfume de especiarias, de 13 a 15 figurou sempre na mesa de Napoleão; Chianti, o mais famoso vinho tinto de Itália, exporta-se para Inglaterra há trezentos anos (a sua marca de garantia é um galo preto sobre fundo vermelho; a garrafa é empalhada); Montepulchiano, vinho da Toscana; Nehibolo, vinho do Piemonte, perfumado e rico em tanino, com 13 graus.

A International Opiniões sobre o Research Associates acaba de mercado comum tornar público o

resultado de um hábil inquérito levado a cabo por 10.000 inquiridores em dez países sobre o Mercado Comum Europeu. E' bom ou mau o M. C. E.? O resultado do inquérito publicado no «New York Herald Tribune» é, aproximadamente, este:

Austria, bom, 49 por cento; mau, 9 por cento. Bélgica, 52 e 4. Inglaterra, 39 e 15. Dinamarca, 45 e 3. França, 34 e 15. Alemanha Ocidental, 41 e 12. Itália, 43 e 7. Ho-landa, 38 e 18. Noruega, 40 e 9. Suécia, 33 e 13. O resto dos inquiridos não manifestou opinião.

Novo tipo de adubo Os desperdira fornecerão, num futuro próximo uma fonte valiosa de adubo de azoto. Experiências realizadas nos laboratórios agrícolas da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, demonstraram a riqueza em azoto da serradura dos abetos e pinheiros, quando da pesquiza de adubos de longa duração para o crescimento dos crisantemos. O produto, ainda não comercializado, obtido pelo tratamento da polpa da madeira com ácido e amoníaco.

LOTA mais cara do País

TEMOS presente os números referentes a Setembro das vendas de peixe efectuadas pelas artes inscritas no Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha. Por esses nú-meros se verifica que a lota de Vila Real de Santo António continua a ser a mais compensadora do País para os pescadores, pois em nenhu-ma delas a sardinha atingiu o elevado preço de 5\$45 o quilo, embora nesse més Vila Real de Santo António tivesse sido o segundo porto pescador do Algarve dessa espécie de peixe. Vejamos os preços que regularam nas nossas lotas, por quilo: Vila Real de Santo António, sardinha, 5\$45; bi-queirão, 5\$79; diversos, 2\$71; Olhão, sardinha, 3\$54; bi-queirão, 2\$81; diversos, 1\$85; Portimão, sardinha, 4\$72; diversos, 1\$24; Lagos, sardinha, 4\$67; carapau, 3\$15; diversos, 1\$30. Em Matosinhos uma pequena «teca» de biquei-rão vendeu-se a \$77 o quilo.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA DOENCAS DOS OLHOS

Consultas às 11 e às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - FARO Telefone 475

O consumo de atum em Itália

Um dos alimentos que goza cada vez mais a preferência dos italianos é o atum em conserva. As importações anuais ascendem a cerca de dez mil toneladas, contribuindo Portugal com mais de um terço para esse volume. Nos primeiros oito meses do ano decorrente as nossas vendas de atum para o mercado italiano somaram perto de 1.300 toneladas, representando um valor aproximado de 30.000 contos. Os formatos mais usados são os de latas de 5 e 10 quilos, em virtude do atum ser principalmente vendido nas lojas de retalho por «etti» (cerca de 100 gramas) dois «etti» ou mesmo «etto» e meio, que são as quantidades geralmente pedidas pelos consumidores italianos. Há também à venda latas de 7 e 8 onças, mas não gozam de preferência por serem mais caras, tendo, portanto, pouco interesse no mercado

A indústria italiana de conservas de atum deve ter produzido cerca de 11.000 toneladas em 1955, das quais 10.000 toneladas foram obtidas com aproximadamente 14.000 toneladas de atum congelado importado e cerca de 1.000 com o atum nacional pescado.

As conservas de peixe na Suíça

Do nosso prezado colega «Jornal de Notícias» permitimo-nos reproduzir esta passagem de um artigo de E. W. Hofer:

«As conservas de peixe constituídas sobretudo por sardinhas, são o primeiro produto português im-portado pela Suiça. Não é exagero dizer-se que neste país se consomem quase que exclusivamente as sardinhas de proveniência portu-guesa, pois com um montante de 6.483.229 Francos Suiços, em 1956, vêm à cabeça de todos os produtos portugueses de importação. Imediatamente a seguir a Portugal apa-recem a Espanha e o Japão, gran-des exportadores de atum. Se Portugal se encontrou sem concorrência em matéria de sardinhas, há, no entanto, que ter em atenção, para que essa superioridade se mantenha, os grandes fornecedores de atum, que podem tentar introduzir, de forma excessiva o seu produto em tais condições que promovam um hábito de preferência no consumidor. O perigo está em habituar insensivelmente o consumidor

Comércio franco-helénico No perso-do de 1 de Julho a 30 de Setembro do ano passado a Grécia tinha exportado para França figos secos e amêndoas no valor, respectivamente, de 13 e meio milhões e 11 milhões de fran-Este ano não exportou nada. No mesmo periodo exportara o ano passado 1.250.000 francos de conservas de peixe, volume que des-ceu este ano, no período que estamos a apreciar, para um milhão. De um modo geral todas as exportações gregas para França diminuíram sendo essa diminuição de 35 e meio milhões de francos, o que preocupa os helénicos.

ao atum, que acabaria por perder o costume de consumir sardinhas».

«A Voz de Loulé»

FNTROU no 6.º ano de publicação o nosso prezado colega «A Voz de Loulé», da proficiente direcção do sr. dr. Jaime Guerreiro Rua. O simpático colega, que tão úteis serviços tem prestado ao seu concelho, lamenta-se do desinteresse de que tem sido objecto por parte daqueles que tinham a obrigação e o dever de o amparar, e como consequência desse desinteresse voltará a publicar-se quinzenalmente. Lastimamos que tal suceda mas o facto não constitui surpresa para quem labuta desinteressadamente na Imprensa regional. Se bem que não tenhamos que nos lamentar, reconhecemos no entanto que a Provincia não sabe corresponder ao esforço da sua Imprensa. Se a não tem melhor a culpa é exclusivamente sua.

Ao prezado camarada louletano, ao seu ilustre director e ao seu esforçado editor apresenta o Jornal do Algarve os seus protestos de camaradagem, com votos de longa vida e com os desejos de que Loulé saiba acarinhar o seu jornal.

BAIRRO DE CASAS ECONÓMICAS

DE PORTIMÃO

Foi superiormente aprovado o auto de recepção definitiva da empreitada de conclusão do Bairro de Casas Económicas de Portimão (2.ª

Colchões MOLAFLEX

Com um lado para Verão e outro para Inverno, com dez anos de garantia para as molas.

Representante em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Rua Teófilo Braga, 75 e 77

Emiliano da Conceição Viegas

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 29 de Novembro a 5 de Dezembro

ENTRADOS: Português «Zé Manel», de 926 ton., de Lisboa, vazio; Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Português «Madalena», de 1.198 ton., de Setúbal, com carga em trânsito; Alemão «Rolandseck», de 1299 ton., de Faro, com carga em trânsito; Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

SAÍDOS: «Mira Terra» e «Zé Manel», com minério, para Lisboa; «Madalena», com sal, para o Funchal; «Rolandseck», com cortiça em prancha, rolhas e conservas, para Hamburgo.

REPRESENTANTES DA PESCA E CONSERVAS

na Câmara Corporativa

OS procuradores à Câmara Cor-

porativa que constituem a secção de pesca e conservas são os seguintes: pesca, srs. comodoro Daniel Duarte Silva, presidente do conselho geral do Grémio dos Armadores da Pesca de Arrasto; Raul Alves Fernandes, presidente da direcção do Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, pela Indústria; António Pereira Torres Fevereiro, pela Casa dos Pescadores e Arnaldo Duarte Periquito, presidente do S. N. dos Motoristas Marítimos do Distrito de Leiria, pelos trabalhadores; conservas de peixe, José Joaquim Mendes Furtado, presidente da direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Barlavento do Algarve; Dinis Lopes David, presi-dente da direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Setúbal, pela produção; António Aires Ferreira, presidente da di-recção da Federação Nacional dos Sindicatos dos Operários da Indústria de Conservas, e José Alexandre Rodrigues, presidente do conselho geral da mesma Federação, pelos trabalhadores.

NA PRÓXIMA PRIMAVERA ARMAÇÃO DE PERA

terá um mercado modelar

ARMAÇÃO DE PERA — Vai ser transferida para esta localidade a antiga praça da verdura de Silves pondo-se assim termo à venda em plena rua, sujeitas à poeira e outras imundícies, das hortaliças e outros produtos alimentares.

Para tal fim esteve aqui o sr. dr. Carlos Alberto Lucas de Lanca Falcão, presidente da Câmara Municipal, grande amigo desta terra e entusiasta do seu desenvolvimento turístico, o qual com o sr. presidente da Junta de Freguesia e mestre de obras da Câmara, tratou da medição e aquisição do terreno.

Na praça serão feitos melhoramentos nos tabuleiros de venda de fruta e peixe, assim como nas instalações de venda de carne. Serão também feitas instalações sanitárias e abertas novas ruas para facilitar o acesso à praça e melho-

rar o conjunto urbano. Este melhoramento, que deve estar concluído na próxima Primaveres do Algarve. - E. S. P.

LOTAS DO ALGARVE

Vila Real de Santo António

OR de Nevemb a 4 de Dezemb

IE TO	u	200	10	V.		-	G 4	* u	List.	nerempi
RAIN	E	IR.	AS							
Concei										58.175\$
Brisa .										41.120\$
Aaria 1	Ro	sa						716	- 2	35.940\$
iberta										25.975\$
Idita .					100	900	-	B	-	21.890\$
Ivarit									-	18.140\$
lovo S										17.930\$
lor do								333	-	16.760\$
lorte .						1	6	346		16.478\$
ulcão										15.625\$
este .				3	1		1	350	100	10.960\$
r.ª da						1911	100	a lead		7.590\$
mazo										6.770\$
udaz.		3				1938	3	100		875\$
CHENT CO.				6	- 0	15	24	1	250	
	T	ota	I ,			100				294.228\$

Olhão

de 28 de Novemb. a 4 de Dezembro TRAINEIRAS: Amazona. Sr.ª da Piedade Sr.ª da Saúde Restauração Persistente . . Luis Fernando. 355\$00 50\$00 Total

de 28 de Novemb. a 4 de Dezembro Valor da pesca neste período 22.719\$00

Armação de Pera

Portimão

de 28 de Novemb. a 4 de Dezembro

TRAINEIRAS: Portugal VII. . Marisabel . . Maria Benedito
Anjo da Guarda
Oressa
Dorita
Péreja do Besi érola do Barlavento érola de Lagos ristina Leote.

AUXÍLIO DO NATAL DA CASA DO ALGARVE

DARA continuar os preparativos da distribuição do Auxilio do Natal da Casa do Algarve aos algarvios mais necessitados residentes em Lisboa, reuniu-se a Comissão de Protectoras Assistentes da referida agremiação, da qual fazem parte as sr. as D. Raquel Maria da Graça Mira, D. Maria Eugénia Mardel Correia, dr.ª Maria João Lopes do Paço, D. Alice Esteves Guerreiro Murta, D. Isabel de Sousa Carvalho, D. Rosário Salgado Moreno, D. Ester Neves Franco, D. Emília do Nascimento Mealha, D. Maria das Dores Vilas Pacheco, D. Ilda Cansado, dr.ª Maria Odette Leo-nardo da Fonseca e D. Isabel Seita Monteiro.

A Casa do Algarve agradece os donativos em dinheiro, conservas, agasalhos e brinquedos, que para o dito Auxílio possam ser-lhe desde ra, beneficiará grandemente esta já enviados ou entregues a cada povoação e praia que é das melho- uma das indicadas componentes da sua organização de beneficência.

coordenada por

5) JOSÉ GOMES FERREIRA

José Gomes Ferreira é talvez o mais poeta dos poetas portugueses contemporâneos. A sua poesia tem aquele sabor original que atrai embora por vezes se não perceba. Nela tu-

do é irreal, tudo é imaginação, tudo é fuga à realidade por intermédio da mais bela das realidades — a poesia.

Gomes Ferreira nasceu no Porto em 1900, cursou Direito e foi cônsul de Portugal na Noruega. Actualmente, não sei em que se ocupa — porém os versos e prosa que de vez em quanto nos dá, são sinal de uma vida artística que não cessa. Tem publicados vários volumes de prosa e poesia, e é de

«Eléctrico», essa joia de livro de poemas, que tiramos estes dois belos poemas.

XXXVI

(MANHÃ DIALÉCTICA)

Foi numa manhā de flores lúcidas (com o sol a nascer oculto) que vi de repente romper das pedras e das árvores uma luz de terra a iluminar a discórdia de tudo da harmonia de haver alma a sangrar da realidade.

E desde então fiquei preso ao suor do sol e do mundo pelas algemas da liberdade.

XLVII

(UM MOMENTO DE FILOSOFIA BARATA)

Para além do «ser ou não ser» dos problemas ocos o que importa é isto: — Penso nos outros. Logo existo.

"RETRATO" DO

BALANÇO DA PRIMEIRA VOLTA UM IMPRESSIONANTE «SPRINT» SOBRE A META DA VIRAGEM

confirmou a palavra (leader)

A meio da prova, quando o título | tendo sido o Farense o recordista Sul tem 75% de possibilidades de revalidação (até para dois lados... como o dominó), passemos em re-vista o entrecho das 13 jornadas já desbobinadas, analisando o que os clubes algarvios foram capazes de conseguir frente à outra «equipa» de 11 concorrentes, e a que a Imprensa, de um modo geral, tem aludido entusiástica de adjectivos e objectivas:

ANÁLISE

Comecemos pelo comportamento dos três conjuntos algarvios em relação aos seus congéneres:

L'AUTINOF .	10	10	U	U	19-10	40
OLHANEN.	13	9	1	3	30-13	19
Juventude	13	9	0	4	30-13	18
Atlético	13	7	2	4	37-25	16
PORTIMON.	13	6	4	3	21-22	16
Serpa	13	7	1	5	25-24	15
Beja	13	7.	0	6	26-30	14
Montijo	13	5	4	4	26-16	14
Arrojos	13	6	1	6	23-26	13
Coruchense.	13	4	2	7	20-30	10
Estoril	13	3	2	8	17-21	8
Almada	13	3	1	9	12-30	7
Portalegren.	13	2	2	9	14-28	6
Montemór .	13	2	2	9	11-31	6
Analicando	0 00		~=+	-	anto i	loc

grupos algarvios, quanto à sua posi-ção destacada no cimo da tabela, vemos que a 1.ª volta-Sul apenas conheceu «comandantes» algarvios:

FARENSE .	E SE	1	8	jornadas
Olhanense .		2	1	jornada
Portimonense			4	jornadas
	153	 	+	A total

tendo, para tanto, influído, decisiva-mente, o comportamento dos «elencos» algarvios, frente aos representantes das outras associações, como passamos a demonstrar:

FARO contra:

SETUBAL .	6	5	1	0	15-01	11
Santarém	3	2	0	1	9-05	4
Lisboa	9	8	0	1	23-09	16
Évora	6	3	0	3	14-08	6
Beja	6	4	0	2	16-11	8
Portalegre .	3	3	0	0	5-01	6
	1.	OF			00 1 0	***

pate e 7 derrotas para 33 jogos disputados dos quais resultou o «golo-average» de 92-35.

No «conflito» regional citado, compreendendo as seis partidas disputadas em Olhão, Faro e Portimão o Olhanense domina a «questiúncu-la» com os seguintes números:

OLHANENSE 2 2 0 0 4-0 4 Farense . . . 2 1 0 1 2-3 2 Portimonense. 2 0 0 2 1-4 0

De entre as derrotas impostas pelos grupos algarvios aos seus adversários, «fora-de-portas», destaca-

Portimonense. 5-1 ao Coruchense Olhanense . . 5-2 ao Atlético Farense . . 5-0 ao Serpa

Já inter-muros, os «scores» mais

robustos foram:

Portimonense. 6-0 ao Almada Farense . . 5-0 ao Atlético Olhanense . . 5-0 ao Beja ,

Em aspecto inverso, as derrotas mais expressivas consentidas pelo «trio» de representantes da A. F. Faro, foram:

Olhan, 2-3, frente ao Cor Farense 1-3, frente ao Beja, fora; Portimon. 1-3, frente ao Serpa, fora;

O Algarve apenas totalizou o máximo de vitórias com todos os seus representantes em triunfo, na 1.ª, 4.ª e 12.ª rondas, com 9/3, 9/2 e 13/1 golos totais favoráveis, respectivamente.

Analisando, de por si, as jornadas no total de golos verificados, vemos que:

1.ª lornada — 28 golos, com 14 para visitantes e 14 para visitados; 8.ª jornada — 29 golos, com 21 para visitados e 8 para visitantes; 11.º jornada — 28 golos, com 19 para visitados e 9 para visitantes, foram as etapas que maiores números ofere-

No decurso da prova, 12 equipas tiveram actuação sem ataque, isto é, sem marcar golos, pertencendo as honras da volta ao Montijo e Atlético, que actuaram 6 horas sem concretizar tentos. Vejamos o apu-

Montijo 6 horas: 0-2, 0-0 e 0-0; Monthlo 6 horas: 0-2, 0-0 e 0-0; Almada, 4,5: 0-6, 0-4 e 0-2; Atlético, 6: 0-5, 0-0, 0-2 e 0-0; Montemór, 6: 0-5, 0-3, 0-1 e 0-0; Portalegrense, 4,5: 0-1, 0-1 e 0-6; Estoril, 4,5: 0-1, 0-0 e 0-1; Arroios, 3: 0-7 e 0-1; Olhanense, 3: 0-1 e 0-0; Portimorense, 15: 0-9 nense, 1,5: 0-2; Farense, 1,5: 0-2.

Amealharam pontos positivos no Amealharam pontos positivos no decorrer das 13 jornadas: Farense (+8-0=8); Olhanense (+7-2-5); Juventude (+6-2=4); Portimonense (+6-2=4); Atlético (+5-3=2); Serpa (+5-2=3); Beja (+6-4=2); Arroios (+6-5=1); Montijo (2-2=0). Ficaram em desvantagem: Coruche (+5-5=2 neg.); Estoril (0-4=4 neg.); Almada (0-7=7 neg.); Portalegrense (+4-10=6 neg.); Montemór (+1-9=8 neg.)

A carreira dos três grupos algar-

A carreira dos três grupos algar-vios oferece o seguinte aspecto:

de domingos sucessivos sem perder,

com 6 jornadas; o Olhanense o úni-

co dos três grupos que registou um empate, e o Portimonense o que

mais acentuadamente alternou vitó-

Como os melhores marcadores individuais algarvios, são de referir os seguintes nomes: Parra, 11 golos; Alexandrino, 7; Realito, 6; Remígio, 5; Ângelo, 5; Queimado, 5; Jorge, 5; Romão, 4; Sílvio, 4 e Cava 4

va, 4. Com vista aos nomes que através

do campeonato têm evidenciado

melhores notas de regularidade, te-

remos 22 jogadores distribuidos por

duas selecções, assim:

Novos: Daniel; Tino, Coelho e
Reina; Poeira e Bento; Brito, Cava,
Romão, Parra e Alexandrino.

Velhos: Isaurindo; Luz, Ventura
e Reina; Vieirinha e Bento; Cama-

rinha, Armando, Ângelo, Remigio e

No aspecto de aquisição de estrangeiros, os nomes de Realito, J. Maria, Tarro, Mendaña, Di Paola

têm cumprido satisfatòriamente no seu enquadramento nos grupos do

«Leões de Faro» e Barlaventinos, apresentando o Olhanense a particularidade de ser o único grupo

Também as «importações» de nacionais são de referir, com notas para Coelho, Ângelo, Armando, Remígio, Vinagre, Andrade, faltando ver Aparício, que se propala ser um elemento do Sporting Farense.

Como «importados» dos «junio-

res», a comprovar a utilidade de ca-

rinho pelas categorias inferiores: Paulo, Tino, Rui, Ginjão e Duarte,

rias com derrotas.

MARCADORES

Queimado.

AQUISIÇÕES

sem estrangeiros.







VELA -

As Regatas do XX Aniversário do C. D. O. o Lusitano inaugurou

No seu XX Aniversário, o Clube Desportivo «Os Olhanenses», que recentemente criou uma «pseudo» Secção de Vela (como já esdo» Secção de Vela (como já esdo» de Vela que, a continuar dirigicreveu um conhecido cronista vélico no Orgão da Diocese do Algarve), organizou no passado domingo regatas de Moth, Snipes, Lusitos e Sharpies de 9 m2.

E' com simpatia que vemos sem-pre a realização de quaisquer provas vélicas no Algarve e foi com verdadeira satisfação que tivemos conhecimento de que o simpático Clube Desportivo «Os Olhanenses», que só se dedicava aos chamados desportos pobres, tinha resolvido criar uma Secção de Vela. Apesar disso, e de desejarmos poder felicitar «Os Olhanenses» pelo seu 20.º aniversário e por não se ter esquecido a vela para as comemorações, não podemos deixar de dizer: Assim, não!

É que «aquilo» não chegaram a ser

da nos mesmos moldes, só prejudicará o desenvolvimento da vela em Olhão e no Algarve. Se não, vejamos:

Já em Setembro último, a Secção de Vela do Clube Desportivo «Os Olhanenses» enviara ilegalmente e sem conhecimento superior, um Sni-pe do Centro de Vela da Mocidade Portuguesa de Olhão, a Espanha, correr em seu nome, facto este que já é do conhecimento público, pois

Conclui na 4.ª pásina

O Jornal do Algarve vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no

BASQUETEBOL

o seu campo de Basquetebol

Com a presença do presidente da assembleia geral, rev. Joaquim H. Galhardo Palmeira, o Lusitano inaugurou no passado domingo, como prèviamente anunciámos, o seu Campo de Basquetebol, no Parque de Jogos «Francisco Gomes Socorro». Trata-se de um melhoramento que muito irá beneficiar os atletas, pois ali encontram um recinto com boas condições para a prática da modalidade. Não podemos deixar de apontar o labor insano dos jo-vens basquetebolistas encarnados, pois com o seu trabalho desinteressado e boa vontade, que foi até a sacrifícios na vida profissional e particular, já não falando nas suas ajudas materiais, e o dos dois dirigentes de eleição, srs. Luís Félix da Silva e João Ilídio Setúbal, conseguiram

Conclui na 4.ª página

Começa amanhã a ser disputado o Campeonato Distrital, com a comparticipação de sete clubes com duas equipas cada (1.ª e 2.ª categorias).
1.ª jornada:

1.ª e 2.ª categ., S. C. Farense-S. C. Olhanense (S. Luís); i.ª e 2.ª categ., C. D. «Os Olhanenses» - S. L. e Faro (Liberto Sousa); 1.ª e 2.ª categ., Ginásio C. O.-Lusitano F. C. (A. Gouveia).

Os jogos realizam-se às 10 horas (2.ª categoria) e 11 horas (1.ª cate-

Manuel da Silva Domingues

Agente das Tintas «EXCELSIOR»

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Campeonato Nacional da II Divisão (XIII Jornada)

atro golos - Quatro pontos - Dois triunfos

numa jornada com o número treze e algo de fatídico para alguns... Olhanense, 1 - Estoril, 0

Marcador: Costa Sofrimento da bancada até ao 84.º

minuto, em que a bola encontrou finalmente a rede — finalidade do

O Olhanense acusou alguns re-

mendos no «team», e actuou com pe-

ríodos definidos e trechos apáticos,

misturando o bom e o mau numa partida que não foi das suas me-

Os dois extremos, Costa e Sílvio,

Coruchense, 1 - Farense, 2

Marcadores: Vinagre e Tarro

Quando o Farense chegou a 2-0,

lhores hora e meia.

tar como bons elementos.

do vencedor.



A valorosa equipa do Sporting Clube Farense «leader» do Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul)

Proprietários!!!

Não vendam

PROPRIEDADES

A CONFIDENTE"

«A CONFIDENTE» não é uma agência vul-

«A CONFIDENTE» tem quase 1/4 de século

MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

CONFIDENTE

PORTO

R. Passos Manuel, 14-1.º

(Ang. da R. Sá da Bandeira)

Telefs. 28721-27011-31309-31729

Capitalistas!!!

Não hipotequem

são de saudar, embora tenham surgido a denotar as naturais hesitacões que a categoria «reservas» por inexistente, não permitiu eli-

Referiremos ainda as presenças de Bento e Fonte Santa (que não são pròpriamente aquisições), Costa e Sílvio e as adaptações de Vinício a n.º 4, bem como Reina a n.º 5.

TREINADORES

Falta falar dos nomes de José Conclui na 4.ª página

Não comprem

Sem primeiro consultarem

de existência.

LISBOA

Rossio, 3-2.º

(Ang. da R. Augusta)

Telefs. 21391-30257-367765-367767

gar, mas sim uma grande organização.

BARCO DE ENVIADA

11,30 mts. motor diesel 30 HP est. novo, devidamente apetrechado TSF e Vende-se

Tratar Rua da Soledade, 15-1.º OLHÃO

o pensamento da vitória passou a desenhar-se desde logo. O ataque tinha concretizado o suficiente para

que o triunfo se não negasse aos aldarvios.

Coube, depois, à defesa, a missão árdua de neutralização, missão que não pôde ser cumprida totalmente.

posto que a escassos minutos do fim os ribatejanos fecharam o prélio com honra para o seu ataque, reduzindo a diferença.

Tarde abaixo das possibilidades

daquele mesmo Farense que viramos em S. Luís, brilhante e autoritário, frente ao Atlético. Vinagre, Reina e Vieirinha, foram

elementos destacados.

Serpa, 3 - Portimonense, 1

O Portimonense conseguiu abei-rar-se do intervalo empatado, a uma bola, se bem que reflectindo «nulo» e algumas nulidades, com uma equipa «espelho» da outra.

Depois, falou a autoridade dos donos do terreno que, aquecidos pelo ambiente «casa» cresceram e le-varam de vencida a defesa Barlaventina, ao consentimento, pouco vulgar, de três golos.

São de referir, como os melhores elementos, Camarinha, Jorge, Di Paola e Arquimínio.

Jogos para amanhã

MONTIJO 14 p. - FARENSE 20 p.

Mais uma jornada plena de «Al-pes», para o «Leões de Faro», em que o desfalecimento seria o risco de perder a «camisola amarela»

(colchão em medidas fixas)

O colchão ideal com garantia de duração e óptima comodidade, custando mais barato que o vulgar colchão de lã. Temos sempre em depósito

para entrega imediata, estes colchões, que vendemos a pronto e com grandes facilidades de pagamento. O revendedor autorizado -

ALVARO CORREIA DE CARVALHO

Rua Dr. Paula Nogueira, 29 Telefone 251 - OLHÃO

A equipa não pode ceder na pas- | para triunfar, baseados na «fórmula» sada, e terá de atacar a fundo para «escalar» a dura tirada do Montijo. Pode dizer-se que se o Farense

não fraquejar neste troço de «montanha», difícilmente perderá a Volta que se inicia. O grupo tem equipa sólida na de-fesa e endiabrada no ataque, pelo que, para além do empate, tudo é de

PORTIMONENSE 18 p. - BEJA 14 p.

O Estoril, em ascensão nítida, foi adversário que só se vergou quando o remate de Costa ditou a realidade Jogo um tanto duvidoso para os bejenses, que não parecem à altura de rectificar o desaire do seu primeiro jogo nem em números, nem bem como Poeira e Reina, são de ciem volte-face.

O Portimonense espreita a possibilidade de regresso ao convívio dos «seus», e ajudado pela Tapadinha, no domingo, deve ficar no «hall», a um passo da sua reentrada...

Por tudo isto, os Barlaventinos, domingo, devem valer o suficiente

de que: «querer é poder». OLHAN. 19 p - PORTALEGR. 8 p.

Os azúis ainda não ganharam aos algarvios (nem cá nem lá), e devem trazer no pensamento a ideia de durar e sobreviver, apesar de tudo,

procurando sabotar a engrenagem do ataque rubro-negre a poder de prisões de movimentos.

No entanto, não é muito de crer na possibilidade do seu êxito por um «nulo», dado que o Olhanense deve reaparecer em máxima força e disposto a desmentir, nesse mesmis-simo Estádio Padinha, o incidente da sua ineficácia, frente ao grupo da Costa do Sol.

Triunfo de Olhão, de acreditar, talvez difícil, mas nunca impossível, tanto mais que Olhão está com o pensamento em Faro e no Montijo...

António A. Santos

Campeonato D. de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão

Primeira derrota do Lusitano. Primeira vitória do Boa Esp. Portimonense Amanhã, em Silves, o Unidos vai defender o 2.º lugar...

Unidos, 4 - Lusitano, 2

O «leader», justamente aureolado de um grande prestígio (invicto na 1.ª volta) embora lutando tenazmente e deixando no rectângulo a marca inconfundivel de um futebol de categoria, não resistiu à hegemonia e à constante pressão da turma sambrasense, que, sem dar tréguas, batalhou incansavelmente, com a ideia fixa de vingar a derrota da primeira volta.

No xadrês unidense, notou-se claramente a preocupação dos extre-mos, centrando o esférico com pre-cisão, criando clareiras que foram exploradas hàbilmente, batendo assim o último reduto lusitanista. Desta maneira, o segredo da vitória foi precisamente o aproveitamento oportuno e dos golos nas fases cul-minantes de perigo. A arbitragem do sr. Florêncio foi

de uma autoridade incontestável, preciosa no julgamento das leis da vantagem. Em suma, atenta e im-parcial.

Campeonato Distrital de Juniores

Resultados da 3.ª jornada: Zona de Barlavento

Portimonense, 1-C. F. Esperança, 4 Zona de Sotavento Unidos, 2 - Lusitano, 3

Olhanense, 5 - Farense, 1

Jogos para amanhã

Zona de Barlavento

C. F. Esperança - Silves Zona de Sotavento

Lusitano - Farense Unidos - Olhanense Louletano, 2 - Silves, 3

O Silves nunca devia ter pensado nos dois pontos preciosos que con-seguiu ir buscar a Loulé. Os famigerados pontos tiveram tanto de magia para o Silves como de derrocada para o Louletano. Este deve ter comprometido a sua qualifi-

Encontro emotivo, em que venci-dos e vencedores foram dignos um

A arbitragem de Pinto Coelho, imparcial e criteriosa, como é há-bito, não foi do agrado da assistência.

B. E. Portimon., 2 - Desportivo, 1

Nunca é tarde para começar e o Boa Esperança, que não obteve, durante a 1.ª volta, nenhum ponto, co-meçou a 2.ª com uma belissima vitória - embora tangencial - sobre uma equipa que tem dado que fa-lar, e que no jogo de S. Brás o «ci-lindrou» com quatro bolas de van-

Conclui na 4ª página

Cine-Foz

DOMINGO, sensacional reposição em cópia nova de su-perscope, de Joana d'Arc, com ngrid Bergman e José Ferrer. (Para 12 anos).

TERÇA-FEIRA, para cumpri-mento da Lei de Protecção ao Cinema Nacional, Cantiga da Rua, com Alberto Ribeiro e Santos Carvalho. (Para 12 anos). BREVEMENTE, em cinemas-

cópio, Principe Valente, com James Mason e Janet Leigh.

FARENSE . VDVVVVVVDVDVV Olhanense . VVDVVDEVVDVVV Portimonen . VVVVDVDDVVDVD

Interessante conferência | 0 Ensino no Algarve

DESPERTOU grande interesse, como era de esperar, a conferência que sob o tema «Encontrei o Algarve no Sul de Itália», realizou o sr. dr. Amadeu Ferreira de qual se vende nos mercados, fresco Almeida na nossa casa regional em

Presidiu o sr. juíz-conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carva-lo, ladeado pelos srs. dr. Bruno Bonotto, representante da organização do turismo italiano em Portugal; major Mateus Moreno, escultor Rogério Paletti Berger e Hermenegildo Neves Franco, respectivamente, presidente da direcção da Casa do Algarve, represen-tante de Lagos no seu Conselho Superior Regional e presidente da Comissão de Turismo e Propa-

O conferente descreveu como encontrou o Algarve no sul da Itália, país que de há muito estuda e anualmente visita, dizendo: «Em vista da situação geográfica análoga, quanto à latitude, e de antigas relações marítimas e comerciais, encontrei ali, além do mesmo clima e bela cor do mar, os mesmos tipos na população, muitos dos nossos costumes e a alegria do corridinho algarvio, nas suas tarantelas; verifiquei a existência das mesmas culturas e flores e das mesmas árvores, como as laranjeiras, a cujos frutos o povo italiano ainda chama Portugali, e as oliveiras, sobreiros, figueiras e amendoeiras, cuja produção se exporta». Recordou igualmente a mesma pesca do atum, o

COBRANÇA

DE ASSINATURAS

Prevenimos os nossos prezados assinantes de que vamos proce-der à cobrança da quarta série (9890) do JORNAL DO ALGAR-VE. São trabalhosas e dispendiosas as operações de cobrança, pelo que encarecidamente solicitamos aos nossos amigos o favor de providenciarem no sentido de os recibos não nos serem devolvidos, o que nos acarretaria prejuízos e ocasionaria embaraços aos nossos serviços administra-

Agradecemos o bom acolhimento que dispensarem à nossa co-

qual se vende nos mercados, fresco e em postas, como carne, e nos ho-téis se serve em bifes. Notou ainda palavras nossas, como cântaro; que a igreja de Messina é matriz e não duomo, e que até uma aldeia de pescadores existente no extremo da ponta nordeste da Si-cília (antiga Trinatria) se chama Faro.

O sr. dr. Ferreira de Almeida, fez a evocação do nosso Santo António, que ficou em Pádua, onde é objecto de grande culto, tendo sido mesmo, durante um ano, em que S. Genaro caiu em desagrado, o patrono de Napoles.

«Não o consideram, porém, os italianos, como em Portugal — diso santo casamenteiro; essa faculdade, tão naturalmente apreciada pelas raparigas, é no sul da Itália atribuída a S. Pascoal Bailão, a quem elas ali dirigem a seguinte

«S. Pascoale Bailon, Protector delle donne, Mandatemi um marito Belo, rico e saporito Como voi tale e quale, O' glorioso S. Pascoale!»

Encontrando-se na assistência o antigo diplomata húngaro, sr. dr. Frederico Marjay, naturalizado português, foi-lhe, pelo presidente da Comissão de Turismo, prestada calorosa homenagem em reconhecimento do carinho dispensado ao Algarve, nos seus dois últimos livros «Portugal Romântico» e «Portugal e o Mar».

ATUM

A sr.a D. Irene dos Santos Baptista rescindiu o contrato de pro-fessora das escolas de aplicação anexas à Escola do Magistério Primário de Faro.

- Foram criados cursos femininos de educação de adultos na Fuseta e em Monte Gordo, este último do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Sotavento.

- Foi extinto o posto escolar de Andrezes, Querença (Loulé).

- Foram nomeados e colocados por conveniência urgente de serviço nas escolas técnicas a seguir mencionadas os seguintes professores extraordinários; licenciado Raul Baptista Horta, em Lagos e licenciada D. Leonor Duarte Marques, em Silves.

- Foi nomeada regente do quadro de agregados do distrito escolar de Faro, a sr.ª D. Odette de Jesus Vieira Costa.

- A regente do quadro de agregados do distrito escolar de Beja, sr.a D. Mónica das Relíquias Borrelfo Mestre, foi autorizada a prestar serviço no corrente ano lectivo em idêntico quadro do distrito escolar de Faro.

— Foi extinto, sendo convertido em escola mista, o 2.º lugar da es-cola feminina de S. Marcos da Serra (Silves).

- Foi concedido aumento de vencimento correspondente à 3.ª diuturnidade, à professora da escola da sede do concelho de Lagos, sr.ª D. Maria da Glória Sustelo.

-O «Diário do Governo» da passada terça-feira insere uma extensa lista dos agentes de ensino nomeados regentes dos cursos de educação de adultos para os vários lugares em escolas do Algarve.

que prepara comida para todos os animais

AGÊNCIA COMERCIAL. L.DA

ÉVORA - Rua da República, 93 - Telefone 28363

LISBOA - Rua da Boa Vista, 76-1.º - Telefone 34759

Moinho e Corta forragens .

= numa só máquina =

Luís Rosado Cardoso

Distribuldores:

Faleceu em Vila do Bispo o sr. Luís Rosado Cardoso, de 72 anos, proprietário. Era casado com a sr.ª D. Maria Augusta Viegas Cardoso, pai das sr. as dr. as D. Emília Laura Viegas Cardoso e D. Maria Luísa Viegas Cardoso e do sr. José Viegas Cardoso, estudante de Direito; irmão das sr. as D. Judite e D. Margarida Rosado Cardoso e do sr. dr. João Rosado Cardoso, juiz de Direito. reito aposentado; e cunhado dos srs. António Oliveira Viegas, coro-nel da Aeronáutica e dr. João Francisco Coelho.

Também faleceram:

Em, VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — o sr. José do Nascimento Martins, de 57 anos, natural de Castro Marim, empregado municipal, casado com a sr.ª D. Rita Justo Martins e pai do sr. José Justo Martins, mestre de obras.

Funeral a cargo da agência

Em BRAGA — o sr. António Teodósio Loureiro Pipa, de 60 anos, contabilista. Alferes na situação de reserva, desempenhou durante bastantes anos o cargo de administra-dor do «Correio do Minho», no tempo em que este jornal era dirigido por seu pai, o jornalista Alvaro Pi-pa. Deixa viúva a sr.ª D. Ema Leal Loureiro Pipa, era pai dos srs. drs. António, João Luís, Raul e Fernando Loureiro Pipa e cunhado dos srs. Raul, José, João e Francisco Leal Socorro.

Na CONCEIÇÃO DE TAVIRA vítima de lamentável acidente, o sr. Manuel Domingos, de 58 anos, proprietário, daquela freguesia, casado com a sr.ª D. Teresa Matias.

Em LISBOA — o sr. José dos Reis, de 74 anos, natural de Vila do Bispo, casado com a sr.ª D. Concórdia da Glória Reis e para da sr.ª D. Arminda Campos Silva e D. Luísa dos Reis Castelhano.

- o sr. José Francisco Figueiras, de 58 anos natural de Lagoa.

- a sr.ª D. Libânia da Conceição, de 74 anos, natural de Alcantarilha

- o sr. Francisco dos Santos Ta-

OS TRINTA ANOS da (Revista Shell)

Da eficiente organização cultural da Shell Portuguesa faz parte a «Revista Shell» que acaba de celebrar os seus trinta anos de publicação, para o que, numa das salas da Instituto Britânico, em Lisboa, promoveu uma exposição que constitui o historial da Revista. E' justo dizer-se que têm sido proveitosos esses trinta anos de contacto com o público e com muitas activi-dades do País que na simpática pu-blicação têm encontrado directrizes e ensinamentos úteis. Pelo carinho e pelo cuidado que têm posto na melhoria gráfica e literária da «Revista Shell» merecem uma palavra de aplauso os srs. dr. Luís de Carvalho Cerqueira, chefe do Departamento de Relações Públicas e Culturais, e Morais Cabral brilhante jornalista.

«Mundo» — O sumário do n.º 20 desta interessante revista semanal ilustrada, é o seguinte: «Discos voadores em Portugal?», por A. Pinto Esteves; «Uma nova página de política internacional», por Drew Pearson (em rigoroso exclusivo); «Peregrinação poética com os jo-«Peregrinação poética com os jo-grais de S. Paulo em Lisboa», por Azinhal Abelho; «A voz do sino», erónica de Mariália; «A evocação do I Porto-Lisboa em ciclismo», por Vasco Calisto; «Os «Suíços» do futebol português», comentários de Araújo Gouveia; «O Paquistão perdurará», do dr. José Neiva: perdurará», do dr. José Neiva; «Mar português», prémio da sema-na do Concurso Permanente de Colaboradores; «Pesetas + Paródia = Prisão»; «O Porto veio dar um abraço a Lisboa»; «Não posso vi-ver sem a música», entrevista com o maestro Frederico de Freitas»; «Casas célebres», a casa onde nasceu, há 88 anos, o marechal Carmona, com fotos e texto de Furtado d'Antas; «A mulher eterna», de Emma Paull; «Aspectos inéditos do 1.º de Dezembro de 1640», pelo dr. Herlander Machado, e outros artiquelim, de 59 anos, natural de Lagos, casado com a sr.ª D. Virgínia da Luz Taquelim.

a sr.ª D. Hortênsia Maria Correia Mendes de Barros, de 73 anos, natural de Loulé, casada com o sr. José Ângelo Real de Barros, funcionário superior do Banco Fonsecas, Santos & Vianna.

- a sr.a D. Amélia Antunes Centeno Fragoso, de 85 anos, natural de Tavira, viúva do antigo farma-cêutico José da Costa Fragoso e mãe dos srs. dr. Sebastião Alberto Centeno Fragoso, médico e José Centeno Fragoso, professor.

Em PADERNE — o sr. João Soares Batista, de 78 anos, comerciante. Era casado com a sr.ª D. Clara Guerreiro Batista e pai das sr. B. Chara Guerreiro Batista e pai das sr. S. D. Dolores Guerreiro Batista Sam Braz, D. Maria Clara Guerreiro Batista Lima, D. Maria José Guerreiro Batista Correiro Batista Correiro Guerreiro Batista Gaspar.

Às famílias enlutadas apresenta o Jornal do Algarve sentidos pê-

Funcionalismo público

Foi promovido à 3.ª classe da 2.ª categoria do quadro geral administrativo dos serviços externos da Direcção Geral de Administração Política e Civil o sr. José Manuel Rodrigues da Silva, aspirante da secretaria da Câmara Municipal de Silves, o qual foi colocado no lugar de 3.º oficial da Câmara Municipal de Portimão.

- Para a Direcção de Estradas do Distrito de Faro foi transferido a seu pedido o sr. José Joaquim Neves Raminhos, escriturário da Junta Autónoma de Estradas.

- Foi contratado para durante o período de três anos, sucessivamente renovável, desempenhar o cargo de aspirante de Finanças, sendo colocado em Tavira, o sr. João Sérgio Viegas Brás.

- Em substituição do 1.º tenente auxiliar da reserva sr. Manuel de Oliveira Moirinho, foi nomeado de-legado marítimo de Albufeira o 2.º tenente auxiliar sr. Manuel dos

- Está aberto concurso para provimento do lugar de escriturário de 3.ª classe dos Serviços Municipalizados de Água e Electricidade de Portimão.

Foi aprovado o contrato do sr. João Manuel Bonança Luísa, co-pista do tribunal da comarca de Faro, para idêntico lugar na comar-ca de Vila Real de Santo António.

Mocidade Portuguesa FEMININA

Avisam-se os interessados, de que todas as alunas do ensino particular individual e doméstico, que pretendam fazer exames de admissão ao Liceu ou Escola Técnica, deverão inscrever-se na respectiva Sub-Delegacia Regional da M. P. F. até fins de Dezembro, sem a qual não lhes poderá ser passada a declaração para efeitos dos referidos exames. cão do endereço habitual, por motivo de férias.

Os escuteiros de Olhão

homenagearam a memória

do dr. Luís Bernardino da Silva

OLHÃO — O grupo n.º 6 dos Escuteiros de Portugal, com sede nesta vila, promoveu uma sessão de homenagem à memória do seu dedicado presidente, dr. Luís Bernardino da Silva. Presidiu o sr. Lou-renço Baptista Lopes de Mendonça, actual presidente do grupo e da Câmara Municipal, ladeado pelos srs. Reis Silva, presidente da comis-são concelhia da U. N.; João Tri-gueiros, escuteiro-chefe e delegado da A. E. P. no Algarve; dr. Torres Vieira, presidente do grupo n.º 77, de Faro, e os médicos, amigos do homenageado, drs. Manuel de Sousa Guita e Francisco Fernandes

À sala encontrava-se artisticamente decorada com motivos escutistas e entre a assistência viam-se autoridades civis e militares, muitas senhoras e deputações de escuteiros de Faro e Tavira.

Aberta a sessão, a irmã do homenageado descerrou o retrato do dedicado amigo dos escuteiros e médico distinto que se impôs à admiração de todos que com ele

privaram. Usaram da palavra os srs.: Francisco Pina, que fez o elogio do preiteado, focando a sua acção em favor da educação da juventude; dr. Francisco Fernandes Lopes, que apreciou o dr. Bernardino da Silva como médico e como benemérito, mostrando-se convencido,

por se tratar de um acto de justiça, que Olhão perpetuará no mármore a memória do seu filho ilustre; dr. Manuel de Sousa Guita, que focou a acção desenvolvida pelo homena-geado nas actividades desportivas, tendo-se-lhe ficado a dever o campo de ténis, a reorganização do Ginásio Clube Naval, valiosa obra no Hospital e outros trabalhos que muito contribuiram para a valori-

zação desta vila.
O sr. João Trigueiros circunstanciou a actividade do seu falecido amigo nas várias agremiações recreativas e enalteceu o seu valor de jornalista, de muitos desconhecido, aproveitando o ensejo para ler alguns dos seus artigos publicados no antigo «Correio Olhanense» nos quais se defendiam os in-teresses da sua vila cubista. Dirigindo-se aos escuteiros, pediu-lhes que ensinassem aos vindouros o simbolismo da imagem que acabava de ser descerrada e que era a de

Encerrou a sessão o sr. Lourenço Mendonça que teve palavras de saudade para a memória do preiteado, afirmando estar convencido que Olhão pagará a sua dívida ao filho que tanto trabalhou pelo seu progresso. — C.

um homem que fora grande entu-

siasta do escutismo.

Chegará hoje a Olhão

uma nova ambulância

OLHÃO - A Junta Central das Casas dos Pescadores, de que é presidente o sr. comandante Henrique Tenreiro, grande amigo dos pescadores algarvios, autorizou o sr. 1.º tenente Carlos Pacheco Pinto, presidente da Casa dos Pescadores desta vila, a adquirir para este organismo uma ambulância para ser-viço dos pescadores locais e da Fuseta e que substituirá a actual que não oferece condições de segurança.

O novo veículo, que deve chegar hoje, está dotado com os mais mo-dernos aperfeiçoamentos e tem a vantagem de se poder deslocar a Lisboa para a condução de doeutes aos hospitais da capital. Por tal motivo há regozijo na classe pis-

AOS NOSSOS prezados assinantes

A fim de evitar dificuldades ao nosso serviço de expedição e para que os nossos estimados as sinantes não sofram interrupção no envio do "Jornal do Algarve", rogamos a fineza de nos avisarem, por simples postal, de qualquer mudança de residência ou altera-

CARDUAL,

R. S. Sebastião da Pedreira, 62-2.º

Telef. 51258

LISBOA

- Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil, em qualquer modalidade.

- Elaboração de projectos e cálculos de estabilidade.

- Muitas obras já executadas no Algarve e outras ainda em curso.

PILOTOS & CAPA VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Sardinha, Anchovas, Cavala, etc.

- FUTE

nas acreditadas marcas de

As regatas do XX Aniversário do C. D. Olhanense

Conclusão da 3.ª página

a ele se referiu a Imprensa, e que poderia ter ocasionado o fecho imediato daquele Centro da M. P.

Desta vez, o seu dirigente, pelo facto de ser também dirigente dum organismo oficial, fez com que abusivamente e sem consentimento dos seus proprietários, mesmo contra a vontade expressa destes, fossem enviadas para Olhão as embarcações das diversas localidades do Algarve que ainda estavam em Lagos, por terem ali ido correr nas Regatas do Dia do Homem do Mar», o que levantou gerais protestos.

Além disso, as citadas embarcações estão em Olhão ao sol e à chuva e sem guarda, porque a Secção de Vela do C. D. O. não tem ainda qualquer posto náutico ou simples armazem onde as possa guardar.

Tudo isto, aliado ao modo como

os regulamentos foram redigidos, fez com que não houvesse um único concorrente de fora de Olhão, em-bora tivessem sido convidados 5 ou 6 clubes e centros da nossa Província, e às provas só concorreram al-guns barcos da M. P. de Olhão (e mesmo estes sem terem recebido a devida autorização superior) e um barco do director da Secção.

Assim, vimos regatas só com um único barco (caso dos Moths e dos Sharpies de 9 m2), apesar de não poder haver regatas de um único barco (regra V, artigo 5, das regras de regata internacionais e da Fe-deração Portuguesa) e não houve mais de dois concorrentes a qualquer regata (caso dos Lusitos e dos Śnipes) e todos eles da M. P. de

Fazemos votos para que o simpático Clube Desportivo «Os Olhanenses consiga, no mais curto espaço de tempo, instalações próprias para a sua Secção de Vela, e que os futuros regulamentos das suas regatas sejam feitos por quem saiba que os mesmos são para se cumprirem. Felizmente, os verdadeiros dirigentes e desportistas vélicos algarvios tem brio e pundonor, só concorren-do quando sabem que o podem fazer — à face dos regulamentos —, para que tal facto não cause depois espanto... a quem o deveria saber pelo cargo directivo que ocupa.

Certos de que os directores do C. D. O. não são culpados de tais anomalias, desejamos que, no 21.º aniversário do Clube, também a jovem Secção de Vela já tenha atingido a sua emancipação e terminamos pedindo: Façam regatas, façam mais regatas, mas organizem--nas devidamente, e não como esta

Fernando do Valformoso

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

Campeonato de Apuramento-III Divisão | «RETRATO» DO

Conclusão da 3ª página

CLASSIFICAÇÃO GERAL IVED B P

8		3	0.00	-	D		
ì	Lusitano .	6	4	1	1	17-11	9
ı	Unidos	6	3	2	1	11-11	8
١	Silves	6	3	1	2	14- 9	7
3	Desportivo	6	2	1	3	12-10	5
i	Louletano.	6	2	1	3	12-12	5
ì	B. E. Portim	6	1	-	5	6-19	2
۰	THE REAL PROPERTY OF THE PARTY						

Jogos para amanhã

SILVES - UNIDOS

O desafio da jornada. À melhor estrutura de jogo por parte do Silves, deverá respondér o Unidos com uma defesa estoica e fulgurantes contra-ataques. Um nulo talvez se-

LUSITANO - B. E. PORTIMON.

Não há uma sem duas. Não vi-rão os jovens barlaventinos dispostos a pregar um susto?... O Lu-sitano há-de, certamente, procurar mostrar aos seus adeptos que a derrota de domingo não passou de um simples acidente... na longa caminhada a percorrer.

DESPORTIVO - LOULETANO

Qualquer das duas equipas não se contenta com o empate, pois ambas necessitam de ganhar. Encontro viríl que será favorável aos da casa, por escassa margem.

BASQUETEBOL

Conclusão da 3.ª página

tornar realidade uma obra de que se orgulha o glorioso clube pomba-

Depois da cerimónia da inauguração e perante numerosa assistência, realizaram-se os jogos:

Flor de Liz, 13 - Casa dos Rapazes, 11 (ao intervalo 7-6).

Lusitano, 42 - C. F. «Os Bonjeanenses», 19 (ao intervalo 18-10)

A DISCIPLINA DA ASSOCIAÇÃO

Com referência ao Torneio de Abertura, a Associação aplicou:
2 anos de suspensão a Manuel Sitvestre Cravo, do S. C. Olhanense, por agressão ao árbitro.
60 dias de suspensão a Fernando Augusto Canha, do C. D. «Os Olhanenses», por agressão a um adversário. Suspensão a contar a partir de 14 do corrente.
15 dias de suspensão a António Maria Mónica Pereira, do S. C. Farense, por gestos de ameaça a um adversário. Tendo como atenuantes nunca haver sido castigado e a falta ser cometida depois da agressão do adversário, este castigo foi reduzido para 8 dias, com inicio em 14 deste mês.

B

halanço da primeira volta da Il Divisão

João, Vieirinha e Di Paola, respec-tivamente treinadores do Olhanense, Farense e Portimonense.

É inegável que todos eles têm sido excelentes orientadores de equipa, estruturando um «trio» representativo que tem vindo a dar que falar durante toda a primeira

Tanto a defesa do Olhanense como o ataque do Farense, embora lentamente, têm vindo a comprovar méritos de assinalar, a par da equipa do Portimonense que, fundida na base de um grupo jovem e sem estrelas, se apresenta excelente-

RECEITAS

Quanto a dinheiro, pela altura da 11.ª jornada, os grupos algarvios tinham recebido 156.726\$40, repartidos por: Olhanense, 70.410\$20; Farense, 46.854\$40 e Portimonense, 19.481\$80, números que permitem avaliar uma bilheteira_algarvia de cerca de 274.000\$00. Estes números denotam, ainda, ter-se atingido 549.915\$00 globais, melhores que os 515.427\$50 do campeonato anterior em altura idêntica.

E a fechar o romance dos números, diremos que, por alturas da 11.ª jornada, o Nacional da II Divisão tinha já rendido 1.354.387\$50, com 804.472\$50 para a Zona Norte e 549.915\$00 para a Sul, e, respectivamente, 400.347\$60 a distribuir pelos grupos nortistas e 292.109\$10 pelos sudistas.

A Associação castiga...

A Direcção da Associação de Futebol de Faro resolveu, em sua reunião de ontem, aplicar os seguintes castigos:

Interditar com 1 jogo oficial, a partir do dia 3 deste mês, o campo do Loutetano Desportos Clube, por motivo das ocorrências verificadas no mesmo contra a equipa de arbitragem, após o jogo Loutetano-Silves.

Repreender o jogador Afonso Baptista Mauricio do C. Desportivo de S. Brás, por pequenas incorrecções.

Aplicar a muita de 500000 go Porto

recções.

Aplicar a muita de 500\$00 ao Portimonense S. Clube por ter feito alinhar no jogo Portimonense-C. F. Esperança os menores Carlos Gravanita Cartaxo, João José Correia Cabrita e Rogério da Conceição Silva sem terem a respectiva ticença e, quanto aos dois primeiros, sem estarem devidamente autorizados superiormente.

Não anunciar o que se deseja vender constitui um atraso. Anunciar mal é tão caro e tão estéril como semear na areia ou

gos e secções muito interessantes.

COMENTÁRIOS À VIDA E PESCA DO ATUM FEITOS À LUZ DA NOSSA TEORIA

Conclusão da 1.ª página

Embora esta armação disponha de vastíssimo «campo de activida-de» o seu rendimento piscatório deverá ser normalmente fraco, relatiseu lançamento deixa muito a desejar, no que se refere ao caminho seguido pelo atum na sua marcha ou «corrida» para Les-Nordeste, quando da «corrida de direito».

E assim a orientação da bissec-42 graus Noroeste quando, na rea-lidade, deveria ser de 82 graus Su-doeste, visto que 82 graus Nordeste é, na respectiva região marítima, a trajectória média daquela importan-

A actual orientação do aparelho apresenta pois um importante erro de cerca de 80 graus, o que se afigura confrangedor, visto que reduzirá considerávelmente o rendimen-

to piscatório da arte respectiva. E para obviar a este importante inconveniente, parece que se deveriam dispor as coisas no sentido de que o seu proveitoso lançamento fosse talhado noutros moldes e em local mais adequado ao efeito.

Independentemente das correntes e do mar do Sueste ou do Levante, poder-se-ia lançar também esta armação na temporada de pesca «de revés», em local adequado ao efeito, isto é, desafrontado do focinho do cabo de Santa Maria, com importante rendimento do aparelho.

E para obviar aos inconvenientes daquelas correntes e daquele mau tempo do Sueste ou do Levante, poder-se-ia reduzir apreciàvelmente o comprimento da armação, sem inconveniente de maior, amarrando-se esta melhor ao fundo do mar com ferros e poitas de cimento. O lançamento deste aparelho de

pesca em posição adequada e com orientação condigna permitiria, sem apreciável prejuízo para o seu rendimento piscatório, razoável redução na sua extensão, o que de facto traria importante economia de ma-terial para a empresa respectiva.

As reduzidas possibilidades de captura das armações da costa de Tavira

Presentemente lançam-se na costa de Tavira quatro armações fixas para a pesca do atum.

Com manifesto prejuizo para as colheitas de pescaria, lançam-se estas armações sem «quartel» na época « de recuado ». Reduz-se, deste modo, o seu «campo de actividade» de forma considerável, em consequência da falta de um dos lados do supra citado ângulo obtuso. E desta forma serão muito reduzidas as possibilidades de captura destas armações, durante o período relativo ao deslocamento do «atum estacionário» (vulgo «de recuado», na costa de Tavira).

Devido à falta de «quartel» o «campo de actividade» destas artes é definido pelo ângulo formado pela «legítima» conjuntamente com a «rabeira». Esta apresenta uma extensão de cerca de 2.000 metros e aquela terá, quando muito, cerca de 400 metros. A bissectriz daquele ângulo é dirigida para o Nordeste, aproximadamente, quando é certo que a trajectória do atum aqui é, pouco mais ou menos, Oes-Noroeste. estas armaçõe mal orientadas, no que se refere ao seu lançamento, com manifesto inconveniente para a sua produtivida-de. E o facto de, desde há longos anos, se efectuarem lançamentos nestas condições, deverá ter acar-retado prejuízos importantes para as Companhias de Pescarias nelas interessadas.

À parte a má orientação de lan-camento, que lhes é peculiar, e a falta do orgão importante denomi-nado «quartel», estas armações enfermam de outros males.

O «quadro» ou «corpo» delas es-tá muito próximo da terra. A ex-tensão destas armações anda por 1.2 milhas, o que parece bem pouco para o efeito da sua satisfatória eficiência em matéria de captura do

E' que, presentemente, o «atum estacionário» evita mais a proximi-dade da costa do que se verificava outrora, pois actualmente as costas marítimas andam muito mais infestadas de artes barulhentas e dinâmicas do que antigamente, as quais, hoje em dia, são em muito maior número do que o eram em tempos

As embarcações de propulsão mecânica vieram transformar as zonas litorais em áreas bastante ruidosas e movimentadas, ao contrário do que acontecia noutros tempos, em que os barcos de pesca, em número muito menor, apenas se movimentavam à vela e a remos.

Outro facto que parece concorrer para que o atum caminhe mais fora ou mais ao mar, durante o seu período de «estacionamento» na área da postura ou desova, são as intensas luzes das «sacadas».

Assim, as armações deveriam, no seu próprio interesse, ser lançadas mais ao mar, porque mais fora «corre» o atum em maior número de cardumes; e, desta forma, se aumentaria apreciàvelmente a capacidade de captura destas importantes, antiquissimas, rotineiras, mas simpáticas artes de pesca.

SOBRE MOVIMENTAÇÃO vamente à grande extensão que possui o aparelho, pois a orientação do seu lançamento deixa muito a dese-

triz do citado ângulo é de cerca de | As deslocações do «atum estacio» | costa de Tavira poderá talvez resolnário» e do «atum de revés»

> Convém esclarecer que embora o «atum estacionário» e o «atum de revés» venham normalmente do mesmo lado, do Nascente, neste tre-cho da costa algarvia, não se des-locam ou caminham eles da mesma forma. Aquele atum descreve trajectória algum tanto sinuosoidal (espécie de bordo de terra, bordo do mar), ao passo que a trajectória deste é, geralmente, uma linha recta precisa e bem definida, tal qual a correspondente ao rumo dum navio quando navega no alto mar.

As quatro armações tavirenses, cujas bissectrizes dos ângulos res-pectivos têm a direcção Nordeste, deveriam ser orientadas no seu lançamento de forma tal que a direcção delas fosse Les-Sueste em ambas as temporadas de pesca.

Não haveria lançamentos especiais para o «atum de recuado» e para o «atum de revés»; e, assim, nas duas épocas seria efectuado um único lançamento, dispondo as armações sempre do seu «quartel», aliás orgão de alta importância pa-

ra efeito da sua produtividade. Não se teria, desta forma, que alterar a sua constituição durante os quatro meses de permanência no mar, pois o lançamento único satisfaria cabalmente a óptima produtivi-

dade em ambas as épocas de pesca.

Devemos todavia evidenciar que verdadeira temporada de pesca destas armações é a «de revés», pois a «de recuado» é algum tanto contingente, por motivos que se afiguram óbvios.

Convém ainda esclarecer alguns assuntos relacionados com os lançamentos destas artes de pesca.

Supomos que afirmam os «mandadores», aliás pessoas da nossa especial simpatia, que estas armações não se devem lançar com «quartel» na época «de recuado», porque este

naturenta o peixe.

Não produzem razões justificativas da sua afirmação. Não perfilhamos, de maneira nenhuma, tão peregrina asserção e, por isso, nesse sentido nos vamos explicar.

Na realidade o «Quartel» não afugenta o peixe. O que ele faria de facto era obstar a que o atum embatesse na parte anterior do sistema que compõe a armação, pois na sua marcha sinuosa embateria, normalmente, na parte traseira do «Quartel», desviando este, desta for-ma, o peixe da arte respectiva para o mar, pelo que não poderia assim ser capturado.

E tudo isto deriva da má orientação do aparelho, relativamente à marcha do atum; e, assim, se por-ventura déssemos à armação uma rotação de cerca de 67 graus, do Nordeste para o Sueste, todo esse inconveniente desapareceria, visto que, desta forma, já o aparelho admitiria o «quartel», sem prejuízo, mas antes com apreciáveis vanta-

pois de natureza bem simples a eliminação do citado inconveniente, que, aliás, reduz apreciavelmente o rendimento do aparelho em causa.

O lançamento único, com «quartel», das armações de Tavira

Outro ponto: dizemos nós que as quatro armações da costa de Tavira se deverão lançar com dada orientação e de forma única em ambas

as temporadas de pesca.

Convém todavia esclarecer que a época «de recuado» requer o «cor-po» da armação mais a terra. É que o «atum estacionário» tem tendência manifesta para caminhar para o lado do pólo elevado do hemisfério respectivo e, assim, para o lado do Norte, nesta região marítima. Pelo contrário, a temporada «de revés» exige que o «quartel» da ar-

mação se situe mais ao mar, visto que o peixe, nestas condições, mos-

tra tendência para «amarar». Há portanto que se conseguir uma situação de compromisso para o «quadro» das armações, no que respeita ao lançamento único, para efeito do seu exercício piscatório nas duas temporadas, as quais vão, pràticamente, de Maio a Agosto.
Supomos que em devido tempo a armação do «Cabo de Santa Maria»

se lançou com dois «quadros» (o de terra e o de fora ou do mar). Parece-nos que se verificou então que o «quadro» de maior rendimento era o de terra. Não ouvimos, porém, referir explicação para o facto. A que nós aventamos para ele, é a que expusemos anteriormente: que o «atum de direito» manifesta tendência para «aterrar».

Se porventura se tivesse lançado «de revés» aquela armação nas mesmas condições, verificar-se-ia que o «quadro» sito mais ao mar seria o de maior rendimento pisca-

O problema das armações da depois de ter «embatido» nela.

ver-se com um lançamento único, munido do indispensável «quartel» tendo este, na época «de recuado» um «quadro» mais a terra do que na temporada «de revés», em que o «quadro» deverá ser colocado mais fora, desde que não consideremos

este efeito.

Posto isto, infere-se que o problema das armações fixas para a pesca do atum deverá ser revisto conscienciosamente sob os seguintes aspectos: orientação mais adequada do aparelho, relativamente à marcha ou «corrida» do atum; extensão mais conveniente a dado efeito; alterações a introduzir-se-lhe, embora ele, na sua essência, pareça porventura perfeito, etc., etc.

uma situação de compromisso para

Providenciemos pois, quanto antes, sobre este estado de coisas, a bem da economia da Província, pondo-se de parte a nefasta e bem arreigada rotina que, a nosso ver, tem possívelmente trazido altos prejuízos para as Companhias de Pescarias interessadas na exploração da pesca do atum na costa do Algarve.

Razões por que o peixe que «aterra» nas nossas armações não

Finalmente, esclareçamos um facto interessante que, de certo modo, parece ter originado o erro de orientação de que enfermam as armações fixas para a pesca do atum, sitas na costa do Algarve.

Estas armações capturam o atum «por tabela», isto é, pescam o peixe que, «embatendo na costa», caminha seguidamente ao longo dela, entran-do depois na armação. E este é uma pequena parte do peixe que

A outra parte do atum que realiza esse «embate», a mais importante, lança-se para o mar depois da «ater-ragem», a fim de aí retomar a «cor-

Não capturam deste modo, essas armações, como aliás seria para desejar, o atum na sua «corrida» directa, isto é, do mar para a terra, aliás a mais rendosa e importante, por falta de orientação adequada a

Exemplifiquemos:

a) - imaginemos um cardume de mil atuns, com a crientação de «corrida» Les-Nordeste, a «embater» na costa do Algarve, em local situado entre Quarteira e o local da armação do «Cabo de Santa Maria».

Deste «embate» resulta, provàvelmente, que 80 por cento do cardume, por exemplo, caminhará para o mar de seguida, para depois retomar a «corrida» normal; e os restantes 20 por cento desse cardume seguirão, após esse «embate», ao longo sta, indo depois entrar mação em que serão capturados; e

b)-suponhamos agora outro cardume com o mesmo número de ele-mentos, mas que, vindo do mar, atinge em cheio a armação do «Cabo de Santa Maria».

A quase totalidade deste cardume, cerca de 80 por cento, por exemplo, «embaterá» na parte traseira do «quartel» da armação, caminhando depois para o mar a parte mais im-portante dele, para, de seguida, re-tomar a «corrida» normal, enquanto que a outra parte seguirá, provàvel-mente, ao longo da costa situada a Leste desse mesmo «quartel», ra-zão por que não poderá ser captu-rada pelo aparelho respectivo; os restantes 20 por cento, de seguida e possivelmente, irão «embater» na costa sita a Oeste da armação, se-guindo depois caminho ao longo dela, indo, desta forma, entrar nesta arte em que serão aprisionados.

Se porventura a armação estivesse orientada como preconizámos, teria ela recebido directamente todo o cardume vindo do mar e, assim, em vez de essa armação ter pescado 200 atuns, teria capturado 1.000 peixes, isto é, a totalidade do cardume, o que de facto seria mais para

Dos dois exemplos precedente-mente citados se infere da razão que tem levado os «mandadores», aliás na melhor das intenções, a in-formar que o atum vem do «Mar de Albufeira», isto é, do Oes-Noroeste, e, nesta conformidade, têm orientado o lançamento do seu aparelho de pesca, quando, na realidade, esse peixe vem do mar largo com a orientação de Les-Nordeste.

De facto, o que os «mandadores» mais devem notar não é, pròpriamente, a marcha do atum do mar para a terra, na sua «corrida de di-reito». Esta marcha do peixe, não lhes é dado observar com tanta frequência, mas, sim, a movimentação do atum ao longo da terra, aliás verificada mais amiudadamente, e já

Eis pois a possível origem do gra-ve erro de que enfermam as arma-ções desta região marítima, segun-do a nossa maneira de ver.

Mas, verificado esse erro, fácil será remediá-lo de futuro, a bem da economia da provincia do Algarve. Outro tanto se passa com as ar-mações da costa de Tavira na época «de recuado» e, nomeadamente, na temporada «de revés», sem mais

pôr nem tirar.
Poder-se-iam citar outros exemplos aplicados directamente a estas armações, como referimos para a do «Cabo de Santa Maria», mas julgamos dispensáveis essas citações, visto que o assunto parece ter sido apresentado com a necessária clareza para esta armação, pelo que, salvo apenas outras direcções a considerar, no que respeita à orien-tação das armações e da marcha do peixe, os exemplos a citar para aquelas outras artes seriam identicos aos que foram apresentados para esta.

NOTAS: 1) Nas considerações precedentemente feitas, admitimos que o atum da «corrida de direito» reverterá em «atum estacionário» em profundidades aproximadamente iguais àquelas em que, normalmente, se lançam os «corpos» das armações.

A expressão «embater na costa», usada de facto com certa liberdade, pre-tende significar: atingir os baixos fundos da costa.

José Salvador Mendes

No próximo artigo será apreciado o «Lançamento único e ex-perimental da armação do Livramento».

A CRISE da indústria corticeira

Conclusão da 1.ª página

dignos da atenção das entidades competentes. Na verdade, enquanto não se

realizarem acordos internacionais que consigam melhorar os mercados externos de consumo, e não se estabelecer protecção à indústria corticeira, vergada sob pesados encargos, esta caminhará en-tre rotina e decadência. Silves é um espelho da crise

Sobre o mesmo assunto, recebemos do nosso estimado amigo e assinante sr. Vasco d'Elvas Masca-renhas Miranda, distinto agente do Banco de Portugal em Portalegre, uma expressiva carta informandonos que «a situação da indústria

de antigos alunos e professores DO LICEU DE FARO mes dos patronos dos vários liceus do País, se tivessem apagado na ri-Moreno, Augusto Bolotinho, que pediu um minuto de silêncio em gidez da lei as letras de ouro do

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

nome do Poeta que ornavam o nosmemória dos professores e alunos so antigo e saudoso liceu e onde a vida escolar decorria sob a sua Vasco Rocha e dr. José António égide. «Há que repor agora no seu Madeira. Este realçou o significa-do das comemorações levadas a efeito pelos professores e alunos do Liceu de Faro—outrora de João de Deus—no dia 1.º de De-

verdadeiro significado esse nome que todos os portugueses veneram e admiram e nós, algarvios, em unissono clamor, devemos solicitar dos poderes públicos a sua restituição ao primeiro estabelecimento de ensino do Algarve».

Como consequência desta suges-tão, a Casa do Algarve enviou um telegrama ao sr. prof. eng. Leite Pinto a solicitar que o liceu farense volte a ter como patrono João de

Encerrou os discursos o sr. ge neral Santos Correia o qual lembrando que os alunos do Liceu de Faro festejavam sempre o 1.º de Dezembro e porque a reunião tinha as suas raizes nessa manifestação patriótica, dava-lhe todo o seu aplauso. Agradeceu à Casa do Algarve o muito que tem feito pela nossa Provincia, evocou a sua terra, Loulé, e terminou, para mani-festar o seu amor pelo Algarve, re-citando versos de João Lúcio.

Agradecemos o convite feito ao Jornal do Algarve.

AOBRA de Teixeira Gomes

Conclusão da 1.ª página

maior quinhão de merecimento nesta iniciativa editorial, pois dele partiu a ideia da reedição da obra e nesse sentido fez as diligências precisas a bem servir as letras pátrias através da divulgação do que foi um dos nossos maiores pro-

Para estas gerações novas que vagamente conhecem Teixeira Gomes, homem que ao talento de escritor juntava um aprumo moral e uma delicadeza de trato invulgares, vai constituir surpresa a leitura da sua obra pelo que há nela de riqueza pictórica, de classicismo de linguagem, de objectividade crí-tica e de urdidura amena com seus matizes de graciosa malícia. Apesar da obra de Teixeira Gomes ser universalista, não se confinar portanto a uma região ou a um país, não podemos deixar, como algarvios, de nos regozijarmos com a homenagem que se presta ao que foi um dos mais lídimos representantes das letras portuguesas.

de médico deste Organismo. As condições do concurso

encontram-se patentes na Alcantarilha, 3 de Dezem-

falecidos; dr. Maurício Monteiro,

zembro, exaltando o seu civismo e

o seu patriotismo. Depois referiu-

-se à proposta apresentada no II Congresso Regional Algarvio pelo sr. dr. Mauricio Monteiro no senti-

do de ser criado um Jardim-Escola na terra natal de João de Deus e

na qual se sugeria que as crian-cas das escolas de todo o País con-tribuíssem no dia 8 de Março com uma pequena quantia para a insta-lação do Jardim-Escola. Conven-

cido de que era inexequível a ins-

talação dessa escola em S. Bartolo-

meu de Messines, sugeria que a mesma seja instalada em Faro, pe-dindo-se para o efeito o apoio do sr. ministro da Educação. Mostrou-

-se convencido que a população es-

colar do Algarve, abrangendo todos

os graus do ensino, poderia dar

volumosa comparticipação à simpática e justa iniciativa, coadjuvada pelas autarquias locais.

Madeira lamentou que ao primeiro

estabelecimento de ensino da Pro-

víncia tivesse sido retirado o nome de João de Deus, ponderando: «A genial intuição de ligar o nome de João de Deus ao Liceu de Faro não

perdurou muito tempo. Talvez em

planeamento geral, no intuito de

um acerto mais racional dos no-

Casa do Povo de Alcantarilha

Declara-se aberto o concurso

para o provimento do lugar

Por último o sr. dr. José António

bro de 1957. O Presidente da Direcção, Domingos Gonçalves Vieira

dificuldades muito semelhantes às do Algarve». Em nosso nome e no do nosso ilustre colaborador sr. João Fernandes, agradecemos-lhe as amáveis referências e as palavras amigas e de incitamento que corticeira daquela região atravessa | se dignou dirigir-nos.

Durante o mês de Dezembro

A CIDLA oferece:

10% de desconto no material

13 kgs. de Gazcidla

- a) A todos os novos consumidores que comprem fogões, fogareiros e esquentadores, através da sua organização.
- b) Aos antigos consumidores que comprem fogões ou esquentadores, também através da sua organização. Nos fogareiros ferão apenas 10 %.

Vendas até 24 prestações

Mais de 100.000 lares preferem o

agora que é mais barato!

JORNAL do ALGARVE

A ACÇÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS

mo mais carecem de associação. Assim, para que a obra seja completa, urge a pronta continuação dos trabalhos de ampliação.

Os comerciantes ou «incubadores» não se prejudicam, porque passam a ter vinho bom e de tipo uniforme, nas Adegas à sua disposição e os viticultores deixam de estar sujeitos às baixas de preços nos anos de abundância, porque são eles que através das suas Adegas defendem directamente a sua economia.

Produzem-se no Algarve as seguintes marcas de vinhos:

Tinto - palhete, rubi claro. Branco - da casta Crato, opalino seco. Um e outro com graduações oscilando entre 13 e 14 graus. Crato brancotipo Xerez, com aproximadamente 19 graus, cuja designação e rótulo é necessário substituir por outros que vinquem a origem de um bom produto algarvio. Abafado branco e finto, o designado «vinho doce» do Algarve, e Bastardinho - tentativa, que se iniciou este ano, de fazer reviver um antigo vinho generoso que gozou de justa fama.

São excelentes os vinhos das Adegas do Algarve! Aromáticos, generosos, suaves e com características «sui-generis» que os tor-nam inconfundíveis e refractários à fraude.

Os algarvios conhecem-nos e consomem-nos na quase totalidade; daí o motivo porque são desconhecidos no resto do País.

Um comerciante algarvio que visitou, recentemente, amigos seus em New York, contou-nos que tendo dado a provar o vinho branco da Adega de Lagoa, de que é sócio, abrindo para eles algumas garrafas, lhe fizeram a encomenda de três milhões de litros. Embaraçado, respondeu: «Pois sim, amigos, mas nem um milhão, porque para isso era necessário reservar a colheita durante très anos ou mais»

A importância das Adegas Cooperativas focada numa conversa com o sr. presidente da Junta Nacional do Vinho

Acerca do problema vinícola do Algarve, achámos oportuno entrevistar o sr. dr. Mário Ângelo Morais de Oliveira, presidente da Jun-ta Nacional do Vinho e deputado pelo Algarve na presente legisla-

Sobre as Adegas Cooperativas da nossa provincia, disse-nos:

A construção e funcionamento das Adegas Cooperativas de Lagoa, Lagos, Portimão e Tavira constituem a exemplificação de um processo de efectiva colaboração entre os núcleos regionais e a accão de ordenamento em que anda empenhada a Junta Nacional do Vinho, no sentido de proporcionar à vinicultura melhores condições de defesa económica e financeira.

- Independentemente do aspecto económico e financeiro, quais são as outras vantagens das cooperativas?

-Para além disso o movimento cooperativo viti-vinícola, que se vem desenvolvendo por todo o País sob o impulso dos organismos de coordenação económica e corporaDO ALGARVE

criar as indispensáveis condições para exercer, com mais eficiência, uma assistência técnica e financeira capaz, proporcionando, simultânea-mente, a muitos vinicultores a elevação do nível qualitativo das suas produções, ao mesmo tempo que vai criando melhor dimensionamento das unidades produtivas, o que constitui forte imperativo da conjuntura económica nacional e internacional. Através deste sistema tem-se conseguido preservar o nosso património viti-vinícola, designadamente no que respeita a certas massas vínicas, cujo valor se perderia se não fora o robustecimento das economias dos respectivos proprietários, que, por este modo, podem encontrar no plano da cooperação o apoio e a defesa indispensáveis para verem premiados os seus esforços de granjeio ao longo do ano. Este aspecto é parti-cularmente evidente no Algarve onde, de facto, existe grande número de pequenos vinicultores trabalhando manchas vitícolas de alto

servar e defender. A organização corporativa tem facilitado o incremento das Adegas?

— Absolutamente. Acho mesmo

valor enológico que importa con-

conveniente acentuar que tudo o que já está realizado, e o mais que se pretende alcançar, só tem sido possível através da organização corporativa, cuja presença no plano representados no mercado da capi-da interpretação das reivindicações tal, onde são bastante procurados.

tivos, visa ainda o objectivo de | locais tem, de facto, representado um valor inestimável para a acção congregadora dos interesses e aspirações locais.

- Podia fornecer-nos alguns números que definissem a actividade das nossas Adegas?

- Os números referentes ao movimento das Adegas Cooperativas do Algarve são bastante significativos. A Adega Cooperativa de La-goa começou a laborar em 1945 com nove sócios e 20.000 litros, atingindo, em 1956, 171 sócios, com 1.864.383 litros. Em 1946 instala-se a Adega Cooperativa de Lagos, principiando com 28 sócios e a produção de 7.500; em 1956 conta 141 sócios e labora 546.656 litros. A Adega Cooperativa de Tavira vem a ser instalada em 1954 e em 1955 a de Portimão; começam, respectivamente, com 40 e 35 sócios e porque não se encontram ainda em edifícios próprios, e estes não dispõem de maior capacidade, é impossível admitir mais sócios e, portanto, aumentar a laboração. As quantidades laboradas atingem já o total de 2.867.772 litros, beneficiando 399 vinicultores, nas quatro Adegas citadas.

«Os vinhos, com larga expansão no mercado algarvio, são consumidos na sua quase totalidade na provincia, e especialmente em garrafões; dada, porém, a excelência das suas qualidades começam já a estar

Relâmpagos

«Estou convencido de que a ciência e a paz triunfarão da ignorância e da guerra.» Prof. Pasteur Vallery Radot

«A liberdade de pensamento e de expressão foi um dos objectivos pelos quais nos batemos. No nosso país, foram tomadas todas as medidas para que essa liberdade seja respeitada. Se bem que o número de jornais marroquinos seja limitado, o desenvolvimento económico, cultural e social do país trará uma expansão rápida da Imprensa e isto num futuro próximo.» -Moamed V, rei de Marrocos

«Os acontecimentos dos últimos anos e meses, que se precipitam num ritmo acelerado, mostram que as nações se aproximam cada vez mais ràpidamente da encruzilhada da salvação ou da ruína. A Humanidade está no ponto em que terá de escolher entre as garantias da salvação e da prosperidade proporcionadas técnica exclusivamente materialista e as garantias, mais seguras e mais dignas do Homem, oferecidas por uma supremacia renovada do espirito.» - Pio XII

«Mas se uma catástrofe de proporções impensáveis, enchendo de destroços de toda a ordem o planeta e fazendo recuar brutalmente os restos sobreviventes da Humanidade, não vier suieitar o homem à dureza antiga das servidões militares, eu creio que no estado de cultura actual das massas elas não dispensarão a sua intervenção representativa na vida e direcção superior do Estado.» — Dr. Albino dos Reis

Quatro tempos

No rosto, um sorriso de Primavera, Os olhos... deslumbrados, pela emoção No peito, está vibrante o coração E a criança, a rir, diz: «A vida é bela!...»

Depois... um sonho lindo, uma quimera Mas, a seguir, uma desilusão... Vê-se dominada pela comoção, A menina, e diz: «A vida é several...»

Mais tarde, quando luta pela Ventura E não encontra o meio de a alcançar, A mulher chora, triste,: «A vida é dura l....

.Por fim, já nenhuma ilusão existe, Os olhos... estão cansados, de chorar, E a velhinha murmura: «A vida é tristel. .»

Maria Herminia

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Fechei na mão um sorriso Da tua boca formosa; Quando fui abrir a mão Estava toda cor de rosa.

(CANC. PORT.)

Gambém na cozinha se pode ser artista

Fatias de lingua com molho de mostarda — Depois da língua bem lavada, coze-se em água com sal, uma cebola, meia folha de louro e um cálice de vinho branco, ou melhor ainda, de vinho do Porto.

Depois de cozida tira-se-lhe a pele, corta-se em fatias e colocase numa travessa.

Serve-se com molho de mostarda, que se prepara da seguinte maneira: derretem-se três colheres de manteiga e mistura-se-lhes uma colher de mostarda, meia colher de farinha e duas colheres de sumo de limão. Leva-se ao lume para ligar, retira-se depois, deixa-se arrefecer, junta-se-lhe uma gema de ovo e leva-se a lume brando durante dois minutos.

doce nunca amargou

Losangos de amêndoa - 250 gramas de manteiga, 250 gramas de açúcar, 250 gramas de farinha de trigo, 4 ovos inteiros, 125 gramas de amêndoas moídas, um pouco de canela.

Bate-se a manteiga com o açúcar e a canela, juntam-se-lhes os ovos, em seguida a farinha com o fermento e, por último, as amên-

Vai ao forno esta massa, em tabuleiro untado de manteiga e, quando está cozida, vira-se sobre um papel polvilhado de açúcar areado e corta-se em losangos, depois de arrefecer. O forno deve ter um calor regular.

A bomba atómica de hiroshima

Uma revista norte-americana está a publicar o diário do dr. Michihiko Hachiya, um dos vinte médicos sobreviventes dos 200 que constituíam o corpo clínico de Hiroshima quando, em 6 de Agosto de 1945, os americanos lançaram ali a primeira bomba atómica. Ouçamo-lo: «Um estremecimento sacudiu a terra, desapareceu a luz e num segundo sentimos uma onda de calor irre-

sistivel (calcula-se que a temperatura subiu a 1.800.000 graus Farenheit) ao lado da qual a própria superfície do Sol deveria ser fresca... E depois, quando voltamos a nós, o medo; um medo impossível de descrever, porque provinha de verificarmos que tudo à nossa volta, casas e ruas pouco antes vistas e vividas, ti-nham desaparecido. Não tinham sido destruídas, já não existiam. E depois a visão infernal da massa humana, composta de seres nus, cujo instinto de salvação a impelia para o rio, procurando na água um remédio que não podiam encontrar, porque uma es-pécie de lepra desconhecida roía

já as suas carnes».

A bomba de Hiroshima que matou 100.000 pessoas e feriu outras tantas, tinha um poder de expansão apenas de um quilómetro de raio. A moderna bomba H aniquila tudo num raio de l quinze quilómetros. E o director da revista que insere o diário, conclui: «Apresentamos esta história com o coração pleno de amargura e unicamente confiados em que os americanos obterão mais proveito da verdade que do silêncio. Depois de tudo, o que aconteceu a Hiroshima pode acontecer a qualquer cidade ame-

Coma folhas de árvores

Ouçam o conselho do sábio inglês Narman Pirie, chefe do serviço de bioquímica do Centro de Experiências de Rothomsted: «Comam folhas de árvores: é um prato esquisito, muito rico em proteínas e não custa dinheiro».

O sábio acha delicioso o trevo, mas a erva parece-lhe um bocado dura. As folhas e as erbáceas preparam-se como a couve e servem-se quentes com um pouco 8 de manteiga.

E agora não ria!

Naquele dia Moisés Levy dirigiu-se a Jeová e disse: -Senhor, que são para Ti 100,000 anos?

— Menos que um minuto. — Senhor, que são para Ti 100.000 contos?

Menos que um centavo. Pois bem, Senhor, dá-me um centavo!

- Está concedido. Mas espera um minuto.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

CRÓNICA DE VIAGEM

UMA claridade enevoada dá-nos a primeira imagem dos Açores. Chovisca, são 8 horas da manhã, e necessitamos entrar em contacto

com o nosso aeroporto, pois deixámos em avião estranho preciosa documentação de que éramos portadores e que, por descuido nosso, seguiu para as Américas. Santa Maria é a ilha mais ao Sul

do Arquipélago, rasando o paralelo 37, distando 1.600 kms. das costas lusitanas, e onde desembarcou em 1432 Gonçalo Velho, descobridor destas ilhas, ao serviço do Infante Navegador que das costas algarvias o mandara, mares fora, em demanda de novas Terras. (Bons tempos, esses, em que os Algarves figuravam nas rotas mundiais!).

Actualmente, o centro de actividade da Ilha é o aeroporto e instalações anexas. Antiga «messe» americana, o Hotel Terra Nostra é hoje pacífico alojamento, onde bus-cámos guarida. É uma construção térrea, de madeira e de telhados em tela de revestimento betuminoso, em cuja feitura se inscreve o ritmo apressado que à sua constru-

Temos, apesar de tudo, sensação de pernoitar em acampamento adormecido.

O aeroporto hoje é exclusivamente comercial, e nas imediações residem, em casas de madeira ou de pedra e cal, os funcionários civis adstritos aos seus serviços.

A Ilha apascenta os seus reba-

nhos e agriculta as suas encostas verdejantes, mas a produção é pequena, e o solo pobre. Há aqui uma concorrência de rochas calcáreas, facto único neste arquipélago vulcânico.

O aeroporto, com o seu movimento «sui-generis» empresta nota internacional a ambiente que, doutra feita, pouco digno de nota nos parecera.

Manhã cedo, temos o prazer de cumprimentar casal algarvio de nossa amizade, aqui destacado em serviço de supervisão da TWA. Ficamos, em amável troca de im-pressões, elucidados sobre a magnitude do tráfego aéreo que demanda a ilha, e nós próprios nos despedimos, em busca de novo avião que nos transporte a S. Miguel e Terceira.

Tomamos lugar num pequeno bimotor de 9 lugares, da SATA (Sociedade Açoreana de Transportes Aéreos), satisfeitos por, desta feita, nos acomodarmos em avião

Ao nosso lado, o matador António dos Santos, que vem tourear em Angra do Heroísmo, já nosso companheiro de viagem desc boa, com quem retomamos interrompida conversa sobre toiros. De novo levantamos voo. Saímos

da pista quase sobre o mar, afigurando-se-nos que haviamos tomado altura de gigantesco porta-aviões, tal nos aparece o enquadramento da Ilha, cujas colinas, aqui chamadas «Picos», ainda se ocultam por entre matinais nuvens. Ao fundo, à direita, à esquerda,

por todos os lados, um mar espelhado de reflexos argênteos, docemente afagado pelo perpassar da Voamos 25 minutos, percorrendo

os 120 kms. que nos separam de S. Miguel, onde vamos pousar em rápida escala no aeroporto de Santana que, na gíria aérea, é conhecido não por aeroporto, mas por «aero--vacas». Não temos aqui pistas betuminosas, mas amplo e verdejante trato de terreno, em que o pascigo das vacas substitui, parece que com certa vantagem, o complicado equipamento de manutenção de pista... Dizem as más línguas americanas que antes de aterrar é preciso voar baixo para afugentar os bichos, mas tal afirmação parece não ser verdadeira, porque, na verdade, basta anunciar pela rádio a apro-ximação do avião, dando conhecimento aos competentes serviços de Aterrisamos com mestria no ver-

dejante aeroporto, onde nos espera o proprietário das fábricas a cujo serviço vimos a estas ilhas, e retomamos o nosso avião, agora acompanhados do nosso gentilíssimo anfitrião, conhecedor como poucos, destas paragens por nós ora visitadas pela primeira vez.

Noutro ápice, transpomos as 90 milhas que nos separam do aero-porto das Lajes (Terceira), em cujas amplas e cuidadas pistas vamos, alfim, pousar. Se bem que nosso espanto haja

ter perdido actualidade, não queremos deixar de exprimir a surpresa que experimentámos ante a magnificência do aeroporto das Lajes,

CONSTITUI A EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA E DE FILATELIA ESCUTISTA DO GRUPO N.º 60 DOS ESCUTEIROS DE PORTUGAL

DELO sr. Matias Gomes Sanches, | quer viver independente e sacrifipresidente da Câmara Municipal, e com a assistência de nume-rosos convidados, foi inaugurada às 11 horas de domingo, no Clube Náutico, a Exposição Bibliográfica e de Filatelia Escutista organizada, como noticiámos, pelo Grupo n.º da Associação dos Escuteiros de Portugal, e integrada no «Dia do

O chefe do Grupo organizador expôs a finalidade da Exposição, no duplo aspecto bibliográfico e filatélico, e a sua associação às comemorações, decorrentes em 1957, do centenário do nascimento de Baden Powell e do Jubileu do Escutismo, historiando a expansão por este alcançada como método educativo da juventude. Terminou afirman-do o desejo do seu Grupo de que a Exposição fosse aberta no dia 1.º de Dezembro, ficando assim ligada a esta data histórica que representa para todos os portugueses a expressão da vontade de um povo que

que nos asseguram ser um dos aeroportos europeus de melhor equipamento. Confessamos que o não sabiamos, e quanto nos é grato constatar, em terra nossa, da existência de obra de engenharia de tal grandeza.

À amplidão e excelência das pistas junta-se um perfeito e coordenado apoio das instalações auxiliares que, desde as três enormes centrais térmicas privativas, até aos «bungalows» de habitação do pessoal, constituem o corpo integral de uma verdadeira cidade. Vislumbramos, através do pára-brisas do nosso carro, uma perspectiva do complexo conjunto das instalações. Sentimos articular-se uma verda-

deira cidade, plena de movimento e de vida, jovem, e que não tem, por ora, o estigma da imobilidade e decadência, de quietude e frustração, que se respira na maior parte das nossas cidades de província.

Na verdade, e sempre que algo de positivo é presente, a sua auto-afirmação é insofismável, e dispensa adjectivos de falácia, mais adequados para tapar mazelas ou para justificar «o não ter feito», o que, como é obvio, não tem justi-

ca a vida defendendo a bandeira das quinas onde necessário for.

A seguir, o sr. presidente do Mu-nicípio cortando a fita simbólica declarou inaugurada a Exposição, que percorreu com manifesto interesse, folheando algumas publicae apreciando as séries de selos postais, blocos e sobrescritos alusivos ao Escutismo. No final mani-festou o seu agrado pelo que vira, felicitando os organizadores, para os quais teve palavras de louvor.

Na Exposição, a Secção Biblio-gráfica ocupa o corpo central da principal sala do Náutico, tendo subsecções de publicações portuguesas, jornais «de parede» e publicações estrangeiras, em que es-tão alinhados muitos livros, jornais e revistas sobre Escutismo. A Secção Filatélica ocupa as paredes do fundo e lateral esquerda e comporta cerca de 100 quadros de vários expositores, com selos e ou-tros motivos da filatelia escutista.

Nos largos vãos das janelas do Clube alinham-se interessantes trabalhos manuais executados por escuteiros do Grupo n.º 60, que têm merecido também a atenção dos visitantes.

O júri do certame filatélico, que, como já dissemos, é a primeira ex-posição de filatelia temática escutista realizada no nosso País, reuniu na noite de 30 de Novembro. constituído pelos srs. dr. Reinaldo Prazeres, Júlio Mendes e Emílio Diogo Costa, atribuindo o 1.º pré-mio, medalha de vermeil, à colecção n.º 4, do sr. José Manuel Pereira, de Vila Real de Santo António o 2.º, medalha de prata, à colecção n.º 3, do sr. José Manuel Miranda Melo, de Lisboa, o 3.º, medalha de cobre, à colecção n.º 1, do sr. Joaquim Soares, de Castro Marim, e o í.º, menção honrosa, à colecção

n.º 2, do sr. José Eduardo Pena Ribeiro, de Lisboa.

O Grupo n.º 60, que formara em Guarda de Honra ao sr. presidente da Câmara, desfilou cerca das 12 horas pelas ruas da Vila, comemorando o 1.º de Dezembro, prestando depois homenagem à bandeira nacional, no local da Exposição, e ouvindo uma prédica, feita pelo seu chefe sobre o significado da data.

A Exposição tem sido muito visi-Angra do Heroísmo, Outub. 1957. I tada, encerrando na noite de amanhã.

O PROBLEMA DO BIQUEIRAO

caso e até se confirma o nosso pon-

Conclusão da 1.ª página

to de vista da necessidade da «cria-ção de uma Central de Vendas—já há anos preconizada no laborioso e extenso trabalho do industrial Ex.mo Sr. Ferreira Barbosa. » É esta, em nosso entender, a medida a tomar. As anchovas devem ser transaccionadas exclusivamente por uma Central de Vendas. Este é o remédio, o único eficaz e sensato. Se se verificasse incapacidade de absorção dos mercados ainda se compreenderia uma medida limitativa, com as consequências perturbadoras que ela ocasionasse. Mas não se verificando essa incapacidade, não há portanto razão para manietar os ndustriais de conservas e de pesca O mal não advem de se produzirem muitas anchovas, o mal advem da circunstância já por nós apon-tada: a anarquia e a concorrência de preços entre os próprios industriais que relaxam o valor da sua mercadoria e perturbam os mercados importadores. Ora esta anarquia, que para bem

da indústria tem que desaparecer, acaba no momento em que os industriais, abdicando do seu egoísmo, resolvam constituir uma Central de Vendas que tenha o exclusivo de negociar as conservas de biqueirão, não apenas com a América do Norte mas com todos os mercados. Esta é a única medida que nos parece certa e sã. O resto pode, quando muito, ser um re-mendo talhado no fato do pescador que não tem culpa nenhuma que a indústria não organize racionalmente as suas vendas. Sim, porque estabelecido um contingente de exportação, que destino dariam os pescadores não só do Sul como do Norte (onde também por vezes se fazem abundantes pescarias de biqueirão) ao produto do seu tra-Creiam os senhores industriais

que tiveram a boa lembrança de nos escrever que o nosso desejo é ver prosperar a indústria de conservas nas suas duas modalidades (molhos e salgados) e correlativamente a da pesca. A toda a hora temos presente que um dos sectores fortes da economia do Algarve está em ambas as indústrias e que é nosso dever acarinhá-las e estimulá-las, e isso temos feito e continuaremos a fazer com o maior entusiasmo e isenção. O que não podemos porém é aplaudir medidas erradas. E tão erradas elas são que ninguém nos garante que as lamentações de abundância que levam a solicitar providências restritivas não se transformem amanhã em lamentações de escassez. E é esta que nós receamos e é esta que industriais e pescadores devem recear também. E temos dito.

